BOL. Nº 121/125 BL ISSN 0037 – 8666

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE DISCOS VOADORES

Março/Dezembro-78

End.: Caixa Postal nº 16.017 – Correio do Largo do Machado

Rio de Janeiro – Brasil

Biblioteca Pública do Paraná
Divisão Central
Sala de Periódicos

SOBEPS NEWS

LUMIERES DANS LA NUIT (GROUPEMENT INTERNATIONAL DE RECHERCHES)

ME. FEBRUARY 6, 1978

The Motto Is: Think Big, Think Dirty

INTERNATIONAL UFO REPORTER
924 Chicago Avenue
Evanston, Illinois 60202

BRAZIL
27 Associacao Brasileira de Estudo das Civilizcoes Extra-terrestres
Sao Paolo
28 Associacao Brasiliense de Pesquisa e Cultura
Brasilia
29 Comissae de Estudos da Vida Estraterrestre na Terre (CEVET)
Caxias do Sul

A

OURANOS

NUMERO 20

The Colorado Project

To avoid any suspicion of a "white-wash," the Air Force told the press that the National Academy of Sciences had agreed to review the results of the University of Colorado study. Condon also told the press that the AF has pledged investigators all it knows on the subject of UFOs, but that to tell University where this knowledge involves the capabilities of military radar systems or aircraft, the university will be asked not to make the information public.

Aerial Phenomena Research Organization, Inc. (APRO)
3910 EAST KLEINDALE ROAD
TUCSON, ARIZONA – 85712
U.S.A.

Nov.-Dec. 65, p. 2

Both of these considerations are governed by a guideline called "aid and comfort to the enemy." Public admission that machines are penetrating our airspace which we cannot identify, much less control, would be of aid and comfort to known enemies. The loss of face that would be involved is no negligible item either.

CIPEX
Caixa Postal: 24.555
Curitiba - Paraná
Brasil - Cep. 81.570-971

FLYING SAUCER REVIEW

ALARM BELLS RINGING?

Vol. 23, No. 3
(published October 1977)

MUFON UFO JOURNAL

АВИА

ПОЧТОВАЯ ОТКРЫТОЧКА

Куда: Dr Walter Buhler
Rua Sen. Pedro Velho
50 ap. 201
Rio de Janeiro
Кому: Brasil

Адрес отправителя: V.I.Sazarov, P.O.Box 16
630071 Novosibirsk-71
USSR

B

Dear Dr. Buhler

I would greatly aprociate receiving a reprint/xerox of your article on UFOs and an eventual spare copy of your on extra-terrestrials in Brasil, on exchange basis for books on any subject which I need badly for my research

VOL/ISSUE . . . PAGE(S) . . DATE . . . .

and any other reprints of similar nature.

If reprint is unavailable, please return this card.

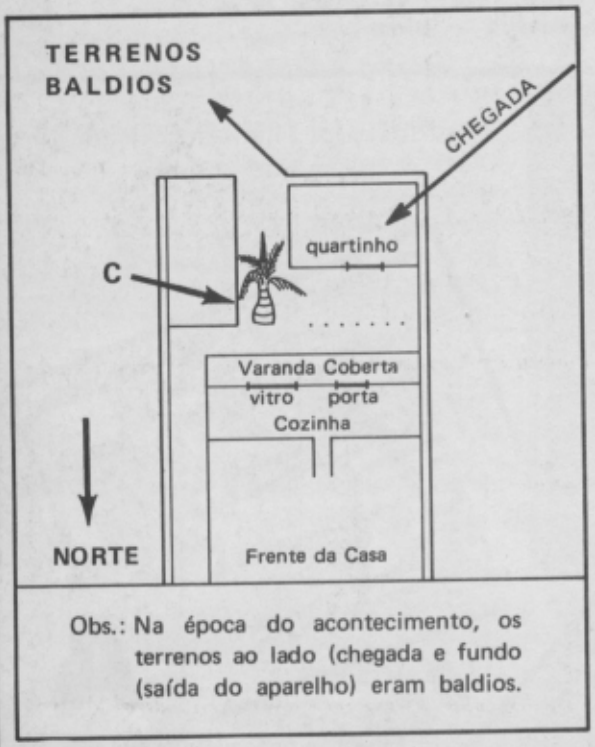
Sincerely yours.

SENDER'S ADDRESS

CIPEX e GENA
2004

Fig. A. Alusão, de modo alegórico, ao envolvimento da ufologia pela política.

Fig. B. Foto, frente e verso, de cartão postal de ufólogo russo.



Obs.: Na época do acontecimento, os terrenos ao lado (chegada e fundo (saída do aparelho) eram baldios.

Fig. 1. Planta da casa de Dna. Jení, com seta assinalando localização do coqueiro. Desenho do pesquisador José Wilson Ribeiro.

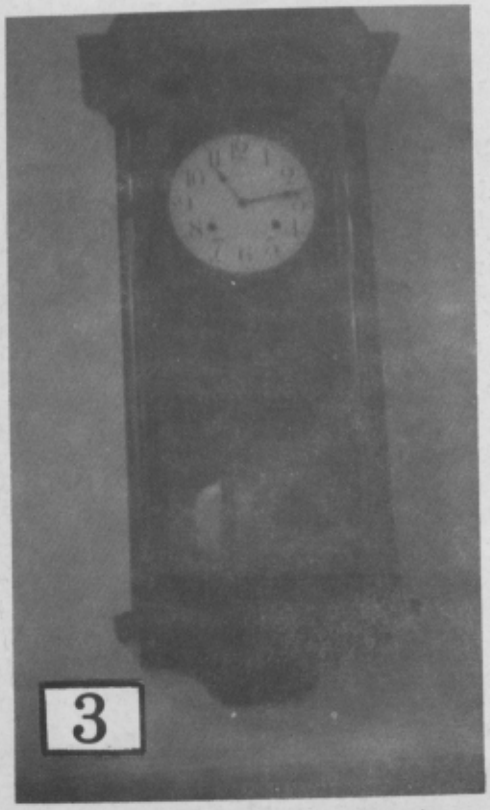


Fig. 3. O relógio cujo funcionamento se tornou errático.

Fig. 2. Dna. Jení dando explicações ao Sr. José Wilson.

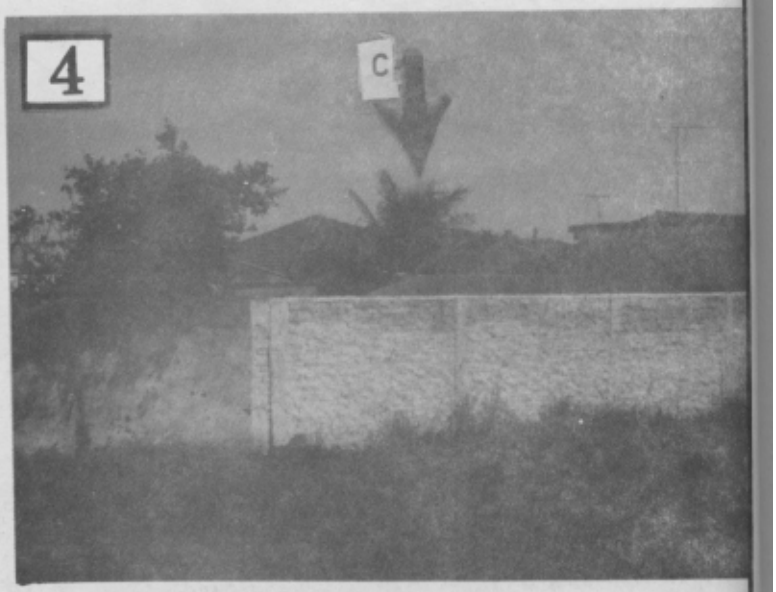


Fig. 4. Visão da casa de Dna. Jení, e do coqueiro que murchou.

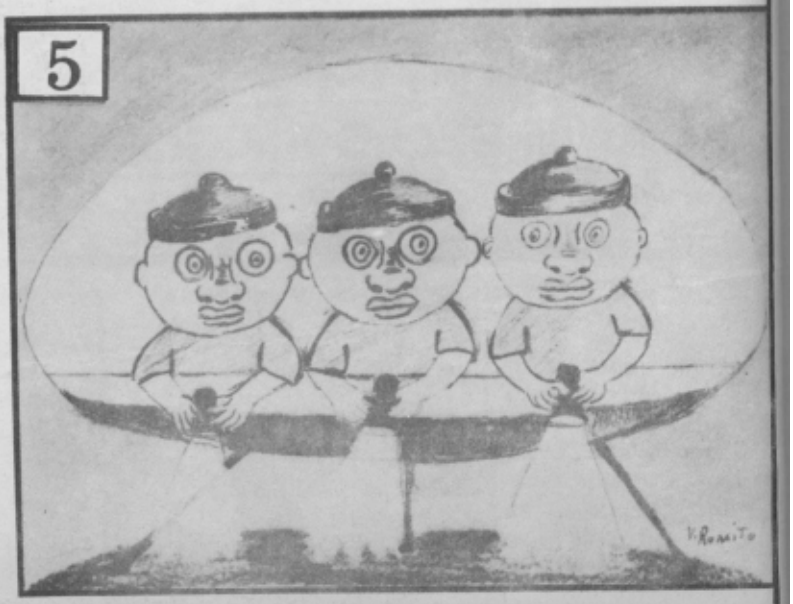
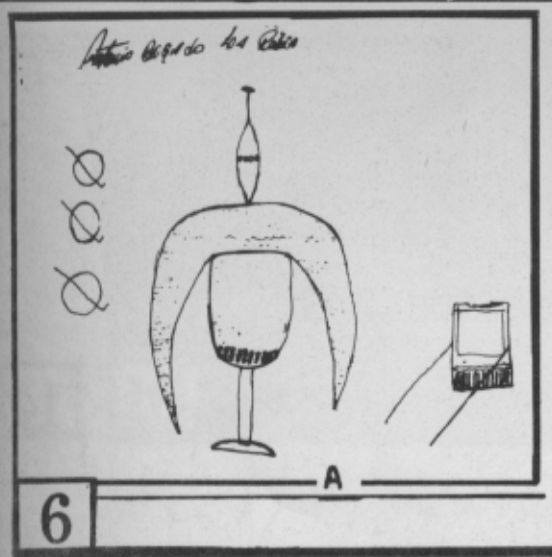


Fig. 5. Desenho dos tripulantes, feito por Wilma Romito, conforme explicações de Dna. Jení.



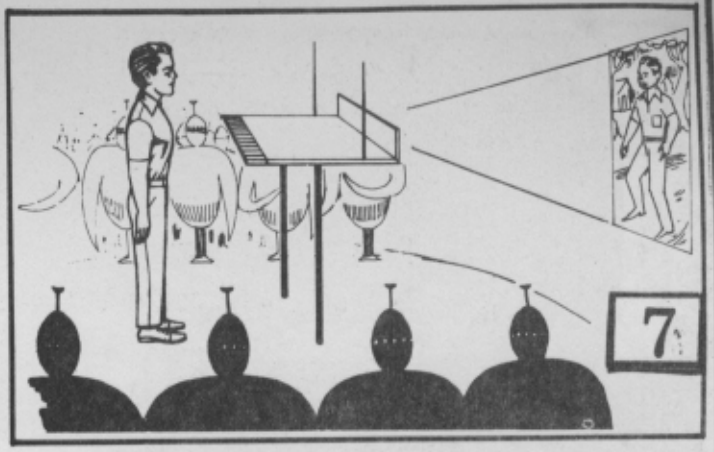


Fig. 7. Antônio diante da projeção e da respectiva mesa de controle.

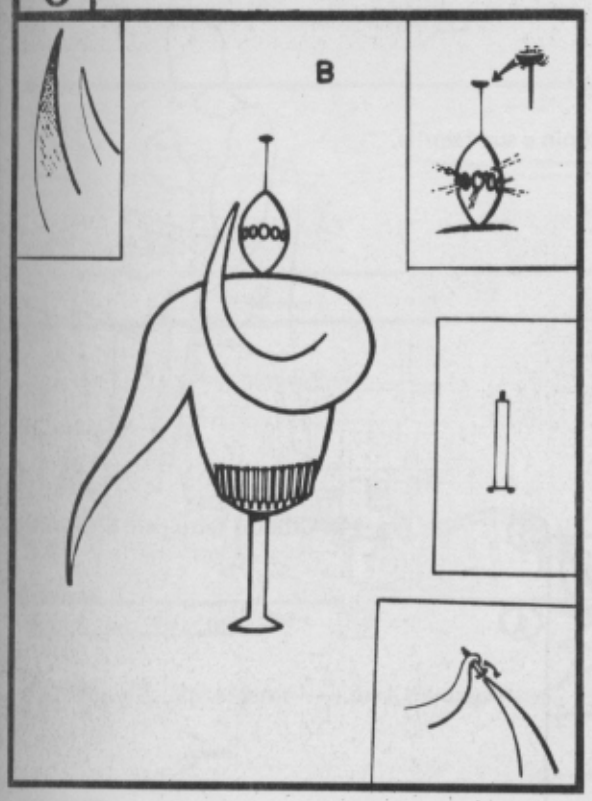


Fig. 6. O ufonauta e detalhes em separado.

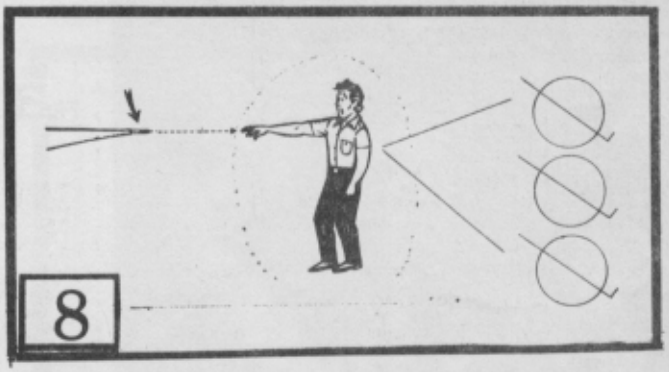
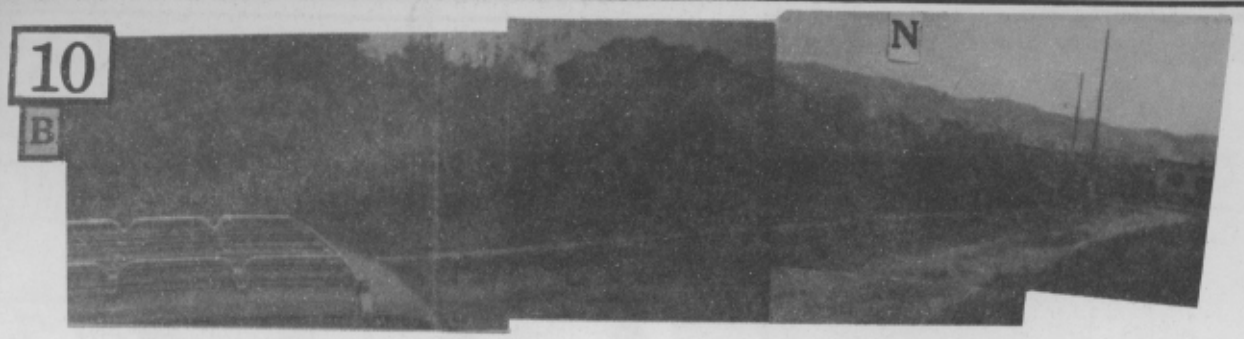


Fig. 8. A sangria e seus desenhos na tela.

Fig. 9. Morro de Sta. Eugênia e Praça Ponto Chique.

CIPEX e GENA
2004

Fig. 10. (A e B) — Vista panorâmica — morro de Sta. Eugênia.



CIPEX e GENA
2004

Fig. 11. Antônio e sua família.

Fig. 14. Croquis feito pelo Sr. Alheira.

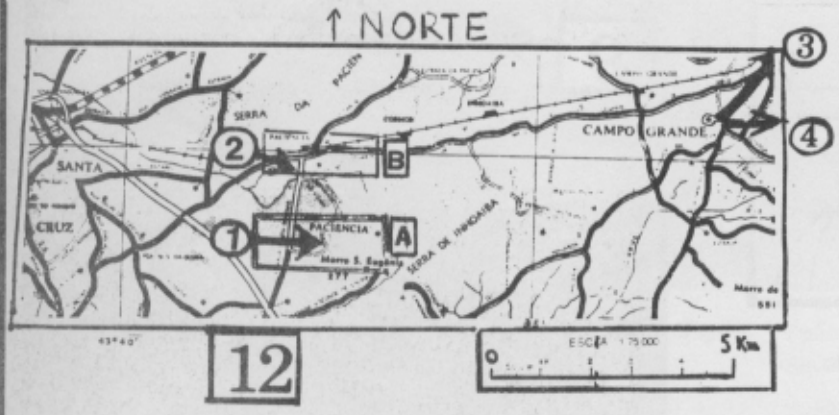


Fig. 12. Mapa da região (seqüestro e aterrisagem)

Fig. 15. Reportagem do Jornal "O Dia".

Fig. 13. O reporter Sr. Alheira.

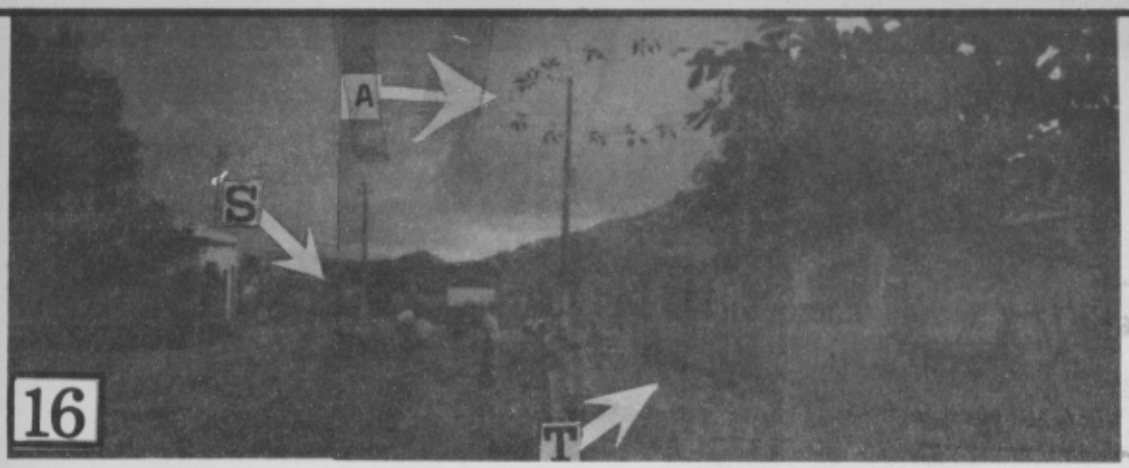


Fig. 16. Foto panorâmica – local do seqüestro

CIPEX e GENA
2004

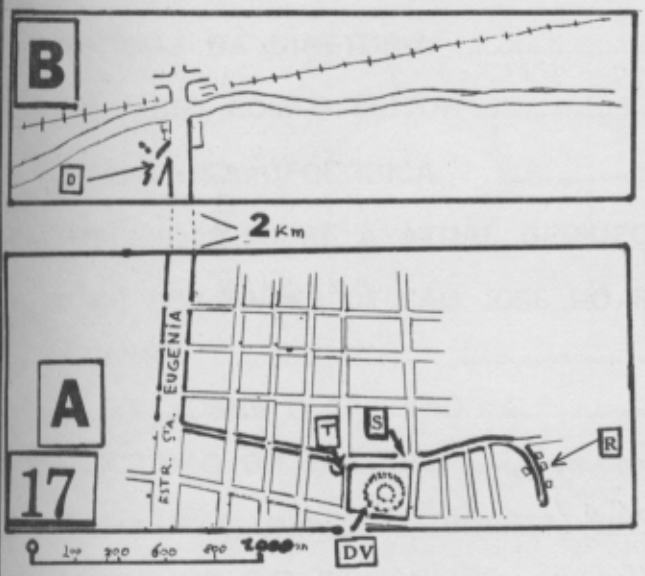


Fig. 17. Vista aérea – Local do seqüestro.

Fig. 18. Desenho falado – seqüestro de Antônio.

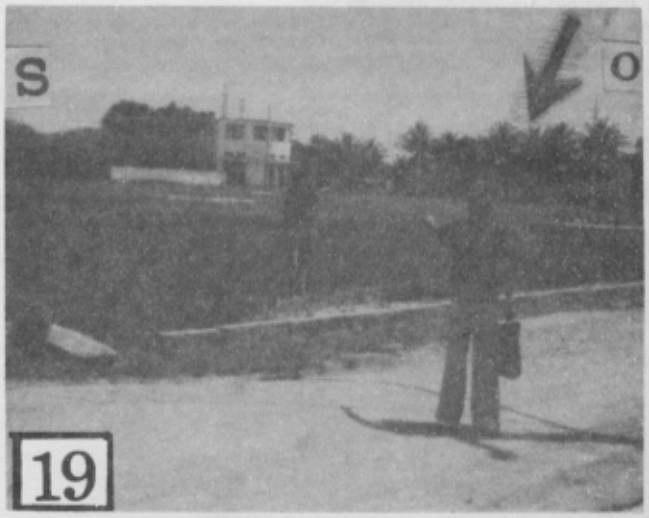
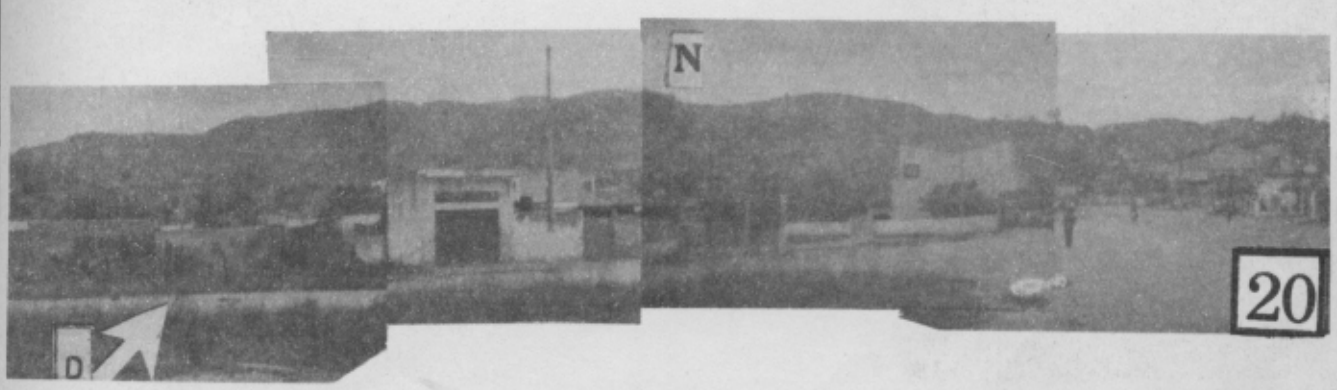


Fig. 19. Foto – reconstituição do seqüestro.

Fig. 20 Foto panorâmica – local da aterrisagem.



CIPEX e GENA
2004

ÍNDICE

1 – NOTÍCIAS DA DIRETORIA 09

2 – CONVERSA COM O LEITOR 09

3 – LITERATURA UFOLÓGICA 10

4 – REFLEXÕES SOBRE A ATUAL GEO-UFO-COSMOPOLÍTICA 11

5 – CASO DOS ANÕES DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO 15

RESUMO 15

DADOS SOBRE O EPISÓDIO 15

DESCRIÇÃO DO EPISÓDIO 15

6 – UFONAUTAS UNIPEDAIS (ROBÔS?) SEQüESTRAM MOTORISTA DE ONIBUS NO RIO DE JANEIRO 20

RESUMO E INTRODUÇÃO 20

Iª PARTE – O EPISÓDIO 21

– 14 PROJEÇÕES 26

IIª PARTE – A SEQüÊNCIA DOS ACONTECIMENTOS 30

IIIª PARTE – COMENTÁRIOS 38

IVª PARTE – CONCLUSÕES RESUMIDAS 42

7 – ENGLISH SUMMARY 44

Biblioteca Pública do Paraná
Divisão Central
Sala de Periódicos

1 – NOTÍCIAS DA DIRETORIA

Para o período 1977/1981, está assim constituída a Diretoria da SBEDV:

Presidente: Dr. Walter Karl Buhler acumulando as funções de: 1º Vice-Presidente, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro.

2º Vice-Presidente: Dr. Guilherme Pereira acumulando as funções de: 1º Secretário e 2º Secretário.

Conselho Fiscal: Wilson Teixeira e Amanda Alves Pinto.

Suplentes do Conselho Fiscal: Otto Erwin Gluck, Almiro Baraúna e Francisco Sá Bordes.

Tendo em vista restringir as atividades burocráticas, em prol da pesquisa ufológica e da preparação de Boletins, foram estabelecidas as seguintes modificações nos Estatutos da SBEDV:

a) Fica suspensa, provisoriamente, a admissão de novos Sócios.

b) Será paga pelo Sócio uma anuidade pré-estabelecida em Boletim ou Circular, podendo ser eliminado pela Diretoria o Sócio que faltar ao pagamento.

c) A Sociedade será administrada por uma Diretoria com mandato de 5(cinco) anos.

d) Os Diretores poderão exercer cumulativamente as vagas deixadas pelos colegas.

OBS.: Para 1978, ficou estabelecido em Cr$ 100,00 o valor da anuidade.

Por motivo de afastamento de membros da Diretoria, devido a viagem, a SBEDV entrará como que em recesso por um período de uns 6 meses. Então, somente nos primeiros meses de 1979 publicaremos o próximo Boletim (material já compilado) no qual indicaremos a respectiva anuidade.

Durante esse período ficará praticamente congelado o nosso envio de correspondência, exceto nos casos especiais.

Ficamos gratos pela boa compreensão.

CIPEX e GENA
2004

2 – CONVERSA COM O LEITOR

Mais uma vez temos o ingrato dever de comunicar falecimento de membro da Diretoria da SBEDV. Trata-se de José Alencar, altamente espiritualizado instrutor rosacruciano, tendo ficado também no Japão durante um ano, cooperando com movimento espiritualista desse país.

Alencar, como era chamado na intimidade pelos sócios da SBEDV, figurava como um dos membros mais antigos de nossa Sociedade, e dos mais modestos. Entretanto, nem por isso procurava colocar-se em posição destacada, quando se tratava de execução de tarefas. Como exemplo, podemos falar da tradução que Alencar fez, para o português, do relato ufológico do norte-americano Buck Nelson, chegando até a imprimi-lo para possibilitar a difusão.

Foi também Alencar que terminou seu discurso como fecho de ouro à memorável palestra da SBEDV na Biblioteca Municipal de São Paulo, em 1960. Na ocasião, ele se sentira insultado pela provocação às palestras da SBEDV feita por pequeno, porém vociferante, grupo ligado ao segredo político do problema UFO. Após o discurso de Alencar, proferido por uma alma que vibrava com sinceridade e bondade, rapidamente os ânimos se acalmaram, o que, na época, deve ter calado fundo nos corações dos detratores da SBEDV.

A obra e a atuação de Alencar, presentes em nossa memória, continuarão a dirigir os corações da velha-guarda (que ainda resta) da SBEDV. E isto, para que não somente nós possamos ser influenciados por seu exemplo, mas, também as aventuais futuras gerações de ufólogos brasileiros.

As nossas condolências sinceras à Família enlutada.

Também com pezar comunicamos o passamento de um outro nosso Amigo e colaborador, o Sr. Tircis Castelo Branco.

Desenhista de fina percepção artística, executou, como um de seus últimos trabalhos, as figuras representativas da reconstituição do caso de Paciência, publicado adiante, no presente Boletim.

Com perfeição e mestria, seus traços puderam captar a essência das cenas com os ufonautas, figuradas nos "retratos falados", a partir da narrativa direta que ouviu da testemunha, "in-loco", juntamente com o pesquisador (W.B.) da SBEDV.

Além de seguro profissional, tratava-se de excelente figura humana cuja perda prematura muito lamentamos.

À sua Família, os nossos pêsames.

3 – LITERATURA UFOLÓGICA

Recomendamos calorosamente aos nossos leitores o Boletim ufológico português "INSOLITO" (rua Sá da Bandeira 331, salas 31/32 - Porto - Portugal) de Joaquim Fernandes, agora no seu número 29. Não só pela fácil leitura na mesma língua, mas também pela alta qualidade, recomenda-se este Boletim, um dos melhores do mundo, se não O melhor, no momento. Temos certeza de que os leitores não serão desapontados.

Aos nossos leitores também recomendamos calorosamente o livro (segunda edição) "Discos Voadores - da utopia à realidade" (com 124 páginas e 10 figuras). O autor é o gaúcho Artur Berlet e já é conhecido também pelo relato resumido publicado no "Boletim Especial SBEDV, de 1975" à página 49. O livro pode ser adquirido pelo reembolso postal, diretamente com o autor (rua Arminio da Silva, 829 - caixa postal 132 - Sarandi - 99.560-R.S.) ou com a Editora e Gráfica A Região (Av. 7 de Setembro, 1737 - Sarandi - 99.560 - R.S.).

CIPEX
Caixa Postal: 24.555
Curitiba - Paraná
Brasil - Cep. 81.570-971

4 – REFLEXÕES SOBRE A ATUAL GEO-UFO-COSMOPOLÍTICA

Na fig. A, da nossa capa, ordenamos diversos recortes, para expressar as tentativas que a política faz para envolver largos círculos de pesquisa ufológica. Um desses recortes é originário do boletim de nov./dez. de 1965, da APRO (Aereal Phenomena Research Organization), dos Estados Unidos, escrito portanto há treze anos. Esse recorte diz que "deveria ser considerado, como sendo uma ajuda a nossos conhecidos inimigos (SBEDV: comunistas? ufólogos norte-americanos? ufólogos de outros países?), o ato de confessarmos publicamente que máquinas (aéreas) invadem nosso espaço aéreo (norte-americano), estando fora do nosso controle e do nosso poder, identificá-las". Evidentemente, os editores da APRO referem-se aos discos voadores extraterrestre, por eles chamamos de "UFOS" (objetos voadores não identificados).

Raciocínio idêntico ao da APRO pode ter sido tomado por base pelo deputado norte-americano, pela Califórnia, George P. Miller, ao afirmar, à comissão ocupada com o o problema UFO (1), que esse assunto era, por lei, "afeto à Força Aérea". Subentende-se assim o enquadramento do problema UFO dentro das leis de espionagem (na época, pelo parágrafo 200-2 do Regulamento do Estado-Maio das Forças Armadas Norte-Americanas).

Também na Rússia, com a qual os Estados Unidos possuem tratado mundial de "quase" monopólio no átomo, a questão UFO é abordada publicamente com hostilidade. Lá o problema UFO é taxado como "não existente" e, os ufólogos, como subversivos com tendências imperialistas.

Entretanto, pelos rumores que filtram dos congressos internacionais sobre aeronáutica e astronáutica, sabe-se que há consenso de opinião de segredo entre a Rússia e os Estados Unidos, com relação ao problema UFO.

OBS.: Informa Zózimo do Jornal do Brasil de 6/6/78: "Dia 10 de junho começa na França o 1º Congresso do Espaço, que reunirá no plenário 40 cosmonauta soviéticos e norte-americanos, além de cientistas, técnicos, escritores de science fiction, agentes secretos e curiosos"

Isto, porque as duas maiores hegemonias bélicas terrestres sentem-se constantemente, em seus próprios territórios, como que submetidas à "humilhante" situação de terem de tolerar incontrolada invasão de seu espaço aéreo, por veículos que se recusam a se identificar e a aterrisar quando isto lhes é ordenado. Torna-se, assim, bem compreensível por que as hegemonias de Oeste e Leste, unificadas, torpedearam, em 1977, a proposta do pequeno país Grenada no sentido de se oficializar a questão UFO. (2)

OBS.: Nessa questão, parece que até o Presidente Carter foi enquadrado. Como candidato, Carter havia aspirado a liderar a abertura para o problema UFO. Porém, depois de eleito presidente, ele teve de desistir disso. Para desvencilhar-se da questão, o Presidente Carter procurou delegá-la à NASA, que a recusou ...(3)

Na Rússia, como todo mundo sabe, com excessão de uma publicação (no passado) do Prof. Ziegel, não existe boletim nem pesquisa ufológica. Pelo que se conhece, existem apenas eventuais ufólogos, logo taxados como dissidentes, como se estivessem difundindo rumores imperialistas e idéias associais. Sabemos também do tratamento psiquiátrico recentemente aplicado aos outros dissidentes russos (quando não são mandados ao desterro na Sibéria), muitas vezes de conseqüências fatais para o protagonista.

Dessa maneira, ficamos deveras surpreendidos quando recebemos um cartão postal da Rússia, de Novosibirsk; neste cartão, o missivista pedia-nos a remessa do nosso Boletim, especificado até nos seus pormenores.

Primeiramente, devemos considerar a localidade do missivista: Novosibirsk, a famosa base dos astronautas russos. Daí não termos dúvida de que a carta que fala tão abertamente de assunto ufológico, em um país onde isto é proibido, naturalmente deveria ter como origem um órgão oficial do próprio governo desse país. Mas, por que tais círculos oficiais teriam utilizado o caminho particular e não o usual, de governo a governo? ou da biblioteca russa de Novosibirsk para a Biblioteca Nacional brasileira (que possui coleção dos nossos boletins)? (Aliás, é de se presumir que o ufólogo em questão já soubesse de um livro de mão bastante difundido e que é a versão germânica do "Bo-

letim Especial de 1975", da SBEDV. Trata-se de "40 Begegnungen mit Ausserirdischen", editado por Ventla Verlag-Wiesbaden - Schierstein - 13 Postfach 17185 Alemanha). Para responder, vamos inicialmente indagar o que aconteceria a um ufólogo russo(se porventura existisse) caso recebesse um cartão postal, com perguntas sobre Ufologia,idêntico ao que recebemos. Naturalmente, seria o pior possível o efeito político para esse ufólogo russo. Assim, por reciprocidade, podemos imaginar se alguém não teria interesse em prejudicar-nos ou provocar-nos para uma resposta que nos deixasse mal, depois, uma vez que, pelo menos "para uso externo", existem as desavenças entre os dois regimes políticos.Isso é compreensível e facilmente exeqüível quando passamos a perceber que os dois serviços secretos anti-ufológicos, norte americano e russo, trabalham de comum acordo... Além disso, de outras partes, várias vezes (4), foram encontradas armadilhas durante o nosso caminho de vinte anos de pesquisa ufológica apolítica e aberta.

Aliás, temos a impressão de que os dois sistemas, o norte-americano e o russo, embora abraçando regimes políticos opostos, usam métodos educacionais ou de propaganda que tendem a conduzir os cidadãos a igualarem uniformemente suas opiniões. Isto, tanto no terreno das ciências políticas quanto no das ciências naturais. Que tal ocorra na Rússia, ninguém ousa contestar. Mas, e nos Estados Unidos, onde até há pouco tempo a pesquisa científica equivalia à pesquisa da verdade? Como então deve ser interpretado o fato de que cientistas norte-americanos, de uma respeitável associação (AAS), tenham assinado o relatório final da Comissão Condon (instituída pela Força Aérea daquele país), contendo um resultado que foi vergonhosamente defraudado? (Tudo não passou de uma farsa!...). Como entender que a Universidade do Colorado tenha acolhido tal comissão e não tenha se manifestado quando veio a furo o fraudulento memorando de Robert Low (5)? Por que essa universidade também não se manifestou posteriormente, até esta data, sobre tal falta de integridade científica?

Naturalmente, não temos acesso aos locais onde é elaborada essa política "educacional". Podemos apenas acompanhar de longe os seus efeitos e os seus executores. Assim, gostaríamos de focalizar mais uma vez o astrônomo Prof. Allan Hynek. Este foi o que sugeriu primeiro a organização de uma comissão que, posteriormente aceita pela Universidade de Colorado, tomou o nome de Condon. O Prof. Hynek nunca demonstrou arrependimento pelos seus vinte anos de despistamento dos UFOs, na USAF e no Projeto Blue Book. Por que este professor está agora ocupado com o PEI, grupo cuja finalidade é "educar o público na questão dos UFOs (6) e influenciar também governos estrangeiros"? Por que este grupo teria sido idealizado e elaborado pela Rand Corporation, um pequeno Pentágono, e a mando da Força Aérea? Por que a imprensa "livre" só fala em Hynek como eminente ufólogo, quando tanto menor foi o número de pesquisas feitas por este professor quanto maior foi o seu destaque no despistamento do público (na questão UFO) e como denigridor de testemunhas de episódios ufológicos? Por que o Prof. James McDonald, que se empenhou por uma abertura na pesquisa ufológica, foi levado ao suicídio? E isso, pouco tempo depois de ter descoberto as manobras e trapaças de despistamento ufológico de Hynek, no Comitê Robertson, da Cia...(7)

Qual teria sido a "mensagem" que Hynek deixou quando veio ao Brasil,em 1975, quando manteve reuniões sigilosas (8) com visita programada à Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara (9). E é de ressaltar que esta entidade nossa, de ciência e tecnologia, tem enorme importância para a educação e orientação dos futuros cientistas brasileiros. Essa fato pode ser comprovado, pois o presidente da Comissão, o Deputado Brígido Tinoco, foi chamado a opinar no "Comitê Educação 2000" (10).

OBS.: Em 1974, São Paulo, o Gen. Moacir Uchoa, como presidente de honra da APEX ((Associação de Pesquisas Exológicas, aliás, Associação Brasileira de Estudos de Civilizações Extraterrestres), era plenipotenciário de uma comissão junto às Forças Armadas, Conselhos de Segurança e Ministério do Exterior, para preparar a vinda e atuação de Hynek ao Brasil em 1975.

Aqui repetimos uma extranheza que externamos já em um nosso Boletim anterior: O Sr. Hynek teve o privilégio de ser ouvido na Câmara dos Deputados, em Brasília, numa sessão pública, falando o que bem quiz sobre o assunto UFO; ele veio ao Brasil, cercado por uma

série de honrarias, sem que algo tivesse feito para merecê-las. Entretanto, mesmo havendo alguns ufólogos brasileiros de renome(não nos referimos à SBEDV), de grande cultura e ótimos pesquisadores, a nenhum deles se concedeu oficialmente uma facilidade assim. Esta é, sem dúvida, um tipo de coisa que não precisamos importar; temos, aqui mesmo, de muito melhor qualidade e que não produz evazão de divisas. Não se trata de xenofobia, mas de uma simples questão de lógica elementar.

Fascinante e contraditória é a ação de Hynek também em relação ao filme "Os Extraterrestres" (em inglês: "Encounters of the Third Kind"), de Spielberg; nessa produção, Hynek atuou como "conselheiro". Dá-se o caso que o filme encara de forma positiva os "contatos amigáveis com os extraterrestres". Entretanto, no Congresso Ufológico de Acapulco (México), concomitantemente a isso, Hynek negou tais "contatos amigáveis", como também os nega em seu livro "The UFO Evidence" (Abelard Schuman, Londres, 1972), na pág. 29: "... de saída, não devem ser tomados em consideração (os contatos amigáveis repetidos e com mensagens)"; já na pág. 30, diz, com inconstância: "... não parecem ter mensagens para a humanidade (esses tripulantes extraterrestres)".

Se admitirmos como válidas essas duas posições contraditórias, isto poderia significar que Hynek age de acordo com as necessidades políticas de seu país (ou então, de acordo com as necessidades financeiras dele próprio). A verdade ufológica viria em segundo lugar. Em primeiro plano, estaria servir ao seu país, pelo ditado: "if right or wrong, it's my country".

As recentes atitudes de Hynek talvez, mediante nova roupagem traduzida num novo Hynek, tragam a intenção de se conhecerem testemunhas que mantenham ou tenham mantido contato com extraterrestres. E isto, talvez, para que tais testemunhas sejam identificadas e silenciadas pelos serviços secretos. Ou talvez ainda, os mandantes de Hynek tenham em mente fortalecer o contato de testemunhas terrestres com seres extraterrestres; com isso, poderiam (segundo imaginam), em ocasião propícia, apoderar-se da técnica ou ainda de tripulantes dos discos voadores, para conseguirem o segredo de uma tecnologia extremamente superior à nossa.

É possível também que, temendo eventuais e ostensivas aterrisagens de extraterrestres, os superiores de Hynek temam também a reação das massas populares. Daí, a liberação da temática do filme, que evitaria o pânico, em futuro talvez próximo, e não envolveria compromisso da parte do governo, pois trata-se de filme de ficção.

OBS.: Temos tornado a focalizar o Sr. Hynek, como já o fizemos em boletins anteriores. Esta atitude nossa deve-se ao fato de ser ele a pessoa de maior destaque no programa "terrestres versus extraterrestres". O Sr. Hynek é a parte visível dessa situação, assim como a ponta de um "iceberg", já que a parte maior e mais importante, invisível, submersa, corresponderia aos verdadeiros mandantes e programadores dessa política, os quais são mantidos até hoje em um indevassável anonimato (11). Daí, a nossa premência em abordar o assunto, para melhor avisar os incautos que, como nós, navegam nas águas conturbadas da pesquisa ufológica.

Também frizamos que Hynek se omitiu de um pronunciamento quando o devia ter feito (leia-se nos Bol. SBEDV nº 104/111 pág. 8 e nº 116/120 – pág. 2)

Pessoalmente, nada temos contra o Prof. Hynek. Pelo contrário, em boletins anteriores (12), citamos o seu interesse por trabalhos de membros da SBEDV. Alguns desses trabalhos chegaram a ser publicados pelo Sr. Hynek no compêndio dos relatórios das conferências da CUFOS (do UFO Center), em 1976 (13). Como exemplo, citamos o caso de Onilson Patero, de Catanduva, que foi publicado sob o nº 74-02, nas páginas 273 e 276 desse compêndio.

Além disso, em sua passagem pelo aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, de volta aos Estados Unidos em 1975, recebemos vários convites do Prof. Hynek, para nos reunirmos com ele. Tais convites chegaram-nos telefonica-

mente através do nosso amigo Prof. Guilherme Wirz, que acompanhava o Prof. Hynek no Aeroporto do Galeão. Não podemos atendê-los na ocasião.

REFERÊNCIAS

(1) Simpósio sobre os UFOs, em 29.7.68. (Hearings before the Comittee on Science and Astronautics U.S. House of Representatives).

(2) Diário Popular, São Paulo, 1.12.77.

(3) Correio do Povo, Porto Alegre, 27.11.77.

(4) Boletim SBEDV nr. 71, pág. 125/126.

(5) Boletim SBEDV nº 80, pág. 217.

(6) Skylook, dez. 1973, págs. 2 e 3, e fev. 1973, pág. 7

(7) Boletim SBEDV nº 104/111, pág. 7.

(8) Estado do Paraná, Curitiba, 14.9.75.

(9) Estado do Paraná, Curitiba, 3.8.75.

10) Jornal do Comércio, Rio de Janeiro , 4.9.77.

(11) Boletim SBEDV nº 112/115, pág. 16.

(12) Boletim SBEDV nº 104/111, pág. 8.

(13) Proceedings of the 1976 CUFOS Conference, pág. 273 e pág. 276, caso nr. 74-02.

CIPEX
Caixa Postal: 24.555
Curitiba - Paraná
Brasil - Cep. 81.570-971

5 – CASO DOS ANÕES DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

RESUMO:

Certa dona-de-casa, em São José do Rio Preto, durante afazeres que realizava alta madrugada, em sua casa teve sua atenção atraída pelos gritos de um papagaio de sua propriedade. No quintal de sua residência, ela percebeu então um reflexo luminoso. Verificou a aproximação de um veículo aéreo que estacionou acima do muro do quintal. No interior de tal veículo, ela avistou três personagens, que a iluminaram com pequenas lanternas.

Em conseqüência desse fato, esta senhora foi vítima de várias modificações de ordem fisiológica em seu organismo. Algumas dessas alterações apareceram de imediato em seu corpo e outras surgiram posteriormente.

DADOS SOBRE O EPISÓDIO:

- Local: Rua Professor André M. Gonçalves, 353 – Bairro Santa Cruz – São José do Rio Preto – Estado de São Paulo.
- Data: 27/05/73, de madrugada
- Nome da Testemunha: Geni Lisboa
- Datas da Pesquisa: 27/01/76, 15/08/76 e 5/11/77
- Pesquisadores: José Wilson Ribeiro (rua Presciliano Pinto, 2.281 – São José do Rio Preto – 15.100 – SP) e W. Bühler (SBEDV – Rio de Janeiro – 20.000 – RJ).

DESCRIÇÃO DO EPISÓDIO:

Na época em que aconteceu o fato que aqui narramos, Dona Geni contava cerca de 57 anos de idade. Pelo nome de família, trata-se de uma pessoa bem relacionada na cidade onde reside. Além disso, é muito conhecida por sua atividade como doceira, pois faz bolos de casamentos, por encomenda. A fim de garantir aos seus produtos uma boa qualidade, sempre Dona Geni confecciona suas encomendas à noite ou madrugada que antecedem à festa.

Na tarde do dia 26/05/73, sábado, esta senhora ajudou na ornamentação da igreja, para um casamento que se realizaria no dia seguinte. Após essa tarefa, à noite, ela deu início à confecção de três bolos, para esta e outras festas de casamento.

Assim, aproximadamente entre as 2h e 2h 30 min, ela estava ainda ocupada na preparação do terceiro bolo encomendado. Para isso, ela utilizava um forno elétrico localizado numa sala contígua a uma varanda toda envidraçada; essa varanda fica de frente para o sul e para um quintal cheio de plantas ornamentais, todo murado, com dimensões aproximadas de 12m x 12m. Visto da varanda, o muro lateral esquerdo engloba uma pequena edificação; trata-se de um quarto alugado para um casal: um vigia noturno e sua esposa, Dona Luísa.

Nos fundos, no canto direito, junto ao muro, ainda há um outro quarto; nesse aposento, dormia uma jovem chamada Jobe, na ocasião em que sucedeu o caso que relatamos.

No horário que já mencionamos aqui, Dona Geni teve a sua atenção voltada para um reflexo luminoso que percebeu através das vidraças da varanda. Ao mesmo tempo, o papagaio, situado no quintal, gritou: "Geni, estou com medo... Geni, estou com medo...". Era um velho refrão decorado e utilizado pelo animal. Dona Geni associou o reflexo luminoso, avistado, com algum curto-circuito na vizinhança ou com o trabalho do guarda noturno, de acender uma lâmpada externa, como era de costume.

Dona Geni lembrou-se então de que havia se esquecido de trazer a ave para dentro da varanda, ao anoitecer, conforme fazia sempre. Quis fazê-lo nessa hora e abriu a porta da varanda.

Da porta, conforme indicação nos desenhos feitos por um dos pesquisadores, Engº José Wilson Ribeiro, Dona Geni viu, na direção sudoeste, a aproximação de um objeto, pelo ar. Esse aparelho estacionou acima do telhado do quarto de Jobe, nos fundos do quintal. Estava aproximadamente a uns 15 m de Dona Geni e a uns 5 m do chão (e portanto, a uns 2m do telhado do quarto de Jobe). Por ser uma noite de céu escuro, a testemunha pôde distinguir apenas a parte iluminada, do objeto, não enxergando seus verdadeiros contornos, que permaneceram ignorados. A parte visível, do aparelho voador, tinha um aspecto branco metá

lico (comparável à côr padrão Letrafilm 242 M), iluminado; media aproximadamente 2 a 4 m de largura por 1 a 2 m de altura; apresentava uma espécie de varanda, com balaustrada, através da qual encontravam-se distribuídas, igualmente, três personagens.

OBS.: Ainda alertados pelo caso narrado no Boletim anterior (nº 116/120) e pela descrição que Dona Geni deu das personagens (mencionada a seguir), vemo-nos inclinados a considerar tais criaturas com as dimensões de anões. Daí, o título escolhido para este episódio.

As criaturas apresentavam desproporção entre a cabeça e os braços e mãos; as cabeças eram comparáveis, em tamanho (ou talvez maiores), às de pessoas adultas, enquanto que os braços eram bem pequenos, semelhantes aos de crianças; entretanto, as mãos eram grossas.

Não se podia julgar o tamanho do corpo inteiro dos seres porque apenas o busto, ombros e cabeça apareciam acima da balaustrada; ao todo, a parte visível de cada um media aproximadamente 60 cm. O resto do tronco e as pernas não estavam à vista.

Cada uma das criaturas segurava, com as duas mãos, uma lanterninha. Cada um desses 3 faroletes emitia um facho luminoso diferente; da esquerda para a direita: verde (Letrafilm 125 M); vermelho (Letrafilm 132 M) e laranja (Letrafilm 129 MG). Dona Geni, do ponto onde estava, observou que os fachos luminosos varreram o chão do quintal, da esquerda para a direita. O aparelho voador emitia um ruído semelhante ao de um helicóptero (ou de uma cigarra, só que mais intenso) e oscilava de um lado para o outro. O interessante era que tais oscilações do veículo pareciam sincronizadas com o movimento dos fachos de luz dos faroletes. Dona Geni pensou: "Será que este povo perdeu alguma coisa aqui?... E eu, que não tiro nada de ninquem..."

Como nesses primeiros momentos os fachos de luz se dirigissem apenas para as proximidades imediatas do objeto, e não ofuscassem Dona Geni, ela pôde observar os pormenores que já citamos, e também outros detalhes. As três personagens eram muito parecidas entre si, como se fossem trigêmeos. Sua pele era de um vermelho moreno, "como de baiano queimado de sol". As cabeças apresentavam um contorno arredondado. Os queixos fugia para trás. Os olhos eram grandes e "um pouco rasgados, como de asiáticos". As bocas eram grandes, de lábios grossos, e nas extremidades curvavam-se para baixo. As orelhas pareciam pequenas, enquanto os narizes eram compridos e achatados. Não usavam barbas. Na cabeça, os seres traziam uma espécie de capacete semelhante a um gorro, com uma bolinha no centro. As criaturas pareciam não possuir pescoço, pois a cabeça repousava nos ombros, cuja largura era normal (comparada à humana terrestre). A roupa apresentava um aspecto semelhante ao da côr da pele e tinha uma pequena gola, do tipo chinês.

Entretanto, o episódio tomou outra feição quando o facho de luz emitido pelos faroletes tomou Dona Geni como alvo. A testemunha sentiu-se ofuscada pelos raios luminosos; quis retirar-se do local onde estava, mas não pôde fazê-lo; era como se estivesse "pregada ao chão"; teve a sensação de afundar e chegou a dobrar os joelho. Dona Geni procurou proteger-se das luzes colocando os braços e as mãos sobre os olhos, enquanto gemia: "Ai, o que é isso?..." Alarmada, chamou por sua inquilina que dormia no quarto dos fundos: "Jobe, me acode!..." Porém, não obteve resposta.

OBS.: a) José Wilson Ribeiro, em sua pesquisa, entrevistou Jobe, na presença de Dona Geni. A moça confirmou que, realmente, naquela noite havia acordado com o ruído que se fazia ouvir e com a intensa claridade que penetrava pelas telhas de vidro espalhadas na cobertura de seu quarto. Entretanto, não respondeu aos apelos de Geni porque estava impossibilitada de fazê-lo, não consequindo sequer se movimentar. Jobe achou que tal reação fosse produto do medo que experimentou naquela hora.

b) Em nossa última viagem a Rio Preto, em 05/11/77, tentamos entrevistar Jobe, o que não foi possível porque ela se havia mudado para outra cidade. Entretanto, Dna. Geni informou-nos que Jobe havia ficado atordoada com a forte luz que penetrava através das telhas de vidro do seu quarto e que chegou a produ-

zir calor, como se ela estivesse dentro de um forno.

Mas 10 minutos após o desaparecimento desta luz, o calor também desapareceu e Jobe pôde levantar-se e prestar socorro a Dna Geni.

Esta nos contou, ainda, que, antes de Jobe socorrê-la, ela havia chamado a vizinha do quarto à esquerda (mais longe do local em que tais fatos aconteceram), dizendo:

- Luiza, Luiza, que é isto?

Luiza, simplesmente, respondeu: "não é nada, Geni, é a luz da lua..." e continuou a dormir.

O episódio ufológico durou cerca de 3 a 4 minutos (segundo as informações das três testemunhas), tendo sido percebido visual e auditivamente. Após esse período, o objeto começou a afastar-se; contudo, conforme Dna. Geni, permaneceram acesos os faroletes dos tripulantes. A trajetória desse afastamento pode ser observada nos desenhos feitos pelo pesquisador Sr. José Wilson.

Quando tudo terminou, Dna. Geni tratou de voltar para os seus afazeres. Entretanto, havia agora uma interferência em seus movimentos; ela arrastava as pernas com uma dificuldade grande, porque doíam muito.

EFEITO FISIOLÓGICOS SOBRE PESSOAS:

Logo após o episódio, Dna. Geni sentiu dores nos membros inferiores, especialmente, nas articulações dos joelhos e nas regiões ilíaco-femurais. Seu corpo também doía e com dificuldade ela pôde movimentar-se para apanhar comprimidos de Cibalena, que desejava tomar. Dna. Geni teve, também, sensação de estar com a cabeça maior ("como de um elefante", disse-nos ela).

Jobe teve oportunidade para verificar, parcialmente, essas alterações fisiológicas em Dna. Geni, uns 10 minutos após o episódio, pois quando foi socorrê-la, notou que Dna. Geni tinha a face edemaciada e os olhos injetados de sangue. (Obs.: As dores no corpo e os olhos injetados permaneceram ainda por três dias). Três horas após os acontecimentos citados, ou seja, às 5 da manhã, Dna. Geni sofreu um prolapso do útero, de 2º grau, conforme posteriormente lhe explicou a seu médico especialista (assistente).

OBS.: Geralmente se estabelece um prolapso uterino em pessoa de idade avançada. Então, seria perfeitamente compreensível esta afecção em multípara vivendo a 5ª década, como é o caso de Dna. Geni. Mas é de salientar que, no caso em apreço, Dna. Geni havia consultado um médico especialista, seis meses antes dos fatos que relatamos, e nessa ocasião lhe foi informado que tudo estava normal. A coincidência destes fatos e o repentino prolapso uterino sugerem ao atento ufológico um possível relacionamento que passamos a focalizar: A noite, a testemunha procurava cobrir o ouvido direito, com o travesseiro. Isto, porque acreditava ouvir ainda o zumbido que fez o objeto voador. Aliás ela percebeu que seu ouvido direito piorou nos dias subseqüentes ao episódio. Dona Geni atribuiu isto ao fato de que esse ouvido estivesse mais voltado para o aparelho espacial, na noite do episódio. Embora até aquela data, a testemunha possuísse audição perfeita, hoje em dia ela quase mais nada pode escutar com o ouvido direito.

Também sua visão foi bastante afetada. Até à noite em que o objeto voador surgiu em seu quintal, Dna. Geni gozava de perfeita visão, não precisando usar óculos. Após o episódio, houve mudança tão grande em sua vista, que hoje ela necessita usar óculos para perto (aproximadamente 3 dioptrias, conforme constatou pessoalmente o pesquisador, comparando-os visualmente com os seus próprios óculos cujas lentes são de grau conhecido). Além disso, Dna. Geni informou que, durante algum tempo após o episódio, surgiram manchas escuras em sua pele.

As dificuldades de locomoção da testemunha melhoraram gradativamente. No dia 8 de junho, ela foi submetida a uma correção cirúrgica do prolapso uterino.

EFEITOS FISIOLÓGICOS SOBRE PLANTAS:

No quintal da casa da testemunha havia um coqueiro anão, de cerca de 1,50 m de altura, situado a cerca de 5m do muro e, aproximadamente, a 7m do local onde o objeto voador (disco voador) havia estado; nas proximidades, a cerca de 4m deste mesmo local, havia uma jaboticabeira

CIPEX e GENA
2004

também. A partir do dia desta aterrissagem, as folhas, não só do coqueiro anão, como da jaboticabeira, começaram a cair mas, após ano e meio ambos já estavam recuperados.

EFEITOS FISIOLÓGICOS TARDIOS, SURPREENDENTES, NA TESTEMUNHA:

Desde os 40 anos de idade, Dna. Geni sabia que sofria de alta pressão arterial (com picos de pressão máxima de até 280 a 310 mm de mercúrio). Por diversas vezes, ela já fora socorrida por causa de edema pulmonar agudo ou falta de ar. Assim, ela vivia sob o uso constante de remédios anti-hipertensivos (Entonyl, Higroton, Lasix). Naturalmente, os médicos incumbidos de prepará-la para a operação restaursdora do prolapso uterino sabiam que Dna. Geni possuía esse problema-de alta pressão arterial. Entretanto, qual não foi a surpresa desses médicos ao verificarem que a pressão arterial da testemunha havia alcançado cifras melhores, espontâneamente...

OBS.: "Que remédio a senhora tomou para o coração? Está curada, sarou de vez!". Conforme Dna. Geni, teriam sido estas as palavras pronunciadas pelo médico incumbido de prepará-la clinicamente para a operação cirúrgica do prolapso. E esse médico estava a par de estado orgânico de Dna. Geni e de seu aparelho cardiovascular, desde longa data.

Quando tomamos conhecimento, procuramos, naturalmente, como médico e ufólogo, comunicar-nos com o colega assistente clínico-cardiológico da paciente. Isto porque nos veio a idéia de comparar entre si os estados cardiovasculares de Dona Geni: o de antes do episódio ufológico e o pós-ufológico. Para tanto, serviriam as cifras tensionais sistêmicas altas, com picos de 28 a 30 cm de Hg nas próximas, e também uma área cardíaca visivelmente aumentada numa radiografia feita em 17/2/66 (cerca de sete anos antes do episódio ufológico). Ainda em 7/11/77, verificamos a pressão arterial da paciente: máxima de 21 cm Hg e mínima de 12 cm Hg. Isso, quando Dna. Geni, quatro anos e meio depois do seu contato extraterrestre, não usava mais os remédios anti-hipertensivos que tomava antes (Higroton de 100 mg, Lasix, Entonyl - Abbot de 25 mg).

Assim, e ainda encorajados pela própria paciente, em nossas intenções, escrevemos para o colega (médico), procurando um contato. Embora Dna. Geni tivesse pessoalmente nos dado o seu apoio, todos os nossos esforços foram em vão.

Naturalmente, a área cardíaca, os eletrocardiogramas e as pressões arteriais pós-ufológicas da paciente seriam tomados em consideração e comparados com os valores pré-ufológicos. Isto, para verificar se realmente houve melhoras no organismo de Dna. Geni, após o episódio ufológico.

Nossa hipótese é de que o relaxamento do tecido conjuntivo dos ligamentos uterinos (que causou o repentino prolapso três horas depois do episódio) estava relacionado com as influências das energias emanadas do disco voador ou das lanterninhas dos seres extraterrestres. As mesmas energias que fizeram murchar o coqueiro e a jaboticabeira, causando além disso os olhos injetados da paciente e suas dores articulares, poderiam bem ter causado um relaxamento do tecido conjuntivo dos vasos sanguíneos de Dna. Geni, nas suas artérias ou arteríolas modificando assim as cifras tensionais. Infelizmente, impossibilitados de entrar em contato com o colega assistente clínico de Dna. Geni, não pudemos estabelecer comparações dos valores antes citados.

Podemos compreender perfeitamente o medo de certos profissionais, de se verem expostos ao ridículo, quando lidam com o assunto UFO. Isso, por continuarem eles sujeitos às pressões política e social, manifestadas pelo segredo e suposto ridículo artificialmente manipulados por esta mesma política. As razões desta última já foram expostas em boletins anteriores (Boletim SBEDV nº 112/115, págs. 15).

Fazemos votos de que, em nome da pesquisa de casos interessantes como o de Dna. Geni Lisboa, desapareça de vez, futuramente, este prurido descabido, da política face ao assunto UFO.

FIGURAS EXPLICATIVAS

Fig. 1 - Planta da casa de Dna. Geni, e respectivo quintal.

Fig. 2 - Dna. Geni dando explicações ao pesquisador José Wilson.

Fig. 3 - O relógio afetado.

Fig. 4 - Vista da casa da testemunha, a partir do lado sul, aparecendo o coqueiro que murchou.

Fig. 5 - Desenho de Wilson Romito: a aparência dos tripulantes e do Disco, de acordo com as explicações de Dna. Geni aos pesquisadores.

CIPEX
Caixa Postal: 24.555
Curitiba - Paraná
Brasil - Cep. 81.570-971

6 – UFONAUTAS UNIPEDAIS (ROBÔS?) SEQüESTRAM MOTORISTA DE ÔNIBUS NO RIO DE JANEIRO

(Bairro Paciência, Distrito de Campo Grande, Rio de Janeiro – RJ)

CIPEX e GENA
2004

RESUMO E INTRODUÇÃO

O CASO

Alta madrugada, a caminho do local de trabalho, a testemunha é seqüestrada, por ufonautas unipedais, e levada a um disco voador. Dentro do objeto voador, 14 imagens coloridas são projetadas em certa parede pelos tripulantes, para a testemunha terrestre. A maior parte dessas imagens apresentava-se em movimento, mas, sem qualquer som.

Aparentemente, os ufonautas (ou robôs?) são adversamente, afetados pelos sons; isto, porque, quando o seqüestrado consegue emitir alguns gritos, os extraterrestres são derrubados ao solo.

Liberada após 30 minutos, a testemunha prossegue em seus afazeres profissionais e cala-se a respeito do episódio. Entretanto, surgem em seu organismo algumas afecções, nas horas e dias seguintes. Assim, impossibilitado de exercer seu trabalho, o seqüestrado é obrigado a procurar recursos médicos; dessa forma, ele se vê compelido a relatar, aos médicos e à sua própria esposa, a aparente razão de seus padecimentos.

ORDEM E APRESENTAÇÃO DO CASO

Ao lado dos sofrimentos de ordem física, surgem ainda os de ordem psíquica. Primeiramente há o medo do ridículo que cerca ainda o assunto disco voador, cuja existência é oficialmente negada. Além disso, o episódio apresenta ângulos enigmáticos para a testemunha: a tecnologia dos ufonautas é incompreensível e inexplicável para sua mente; essa técnica chega a constituir-se um desafio em demasia à curiosidade de uma pessoa, como a testemunha, dotada de senso de responsabilidade, acuidade de observação e inteligência. Parece que o subconsciente da testemunha, em uma solicitação contínua, é a causa dos seus pesadelos e insônia. Estes, meses depois da vivência do episódio, ainda continuam até a data da confecção do presente relatório (abril/78).

Aliás, os problemas apresentados no episódio merecem alguns comentários, pois são insolúveis para todos nós no estágio atual da pesquisa. Esses comentários foram reunidos à parte, em um capítulo de nº 3; com isso, visamos a não interromper o raciocínio do pesquisador ao ler o capítulo nº 1, que é o relatório propriamente dito. Em um segundo capítulo, apresentamos os relatos de testemunhas secundárias e o que se passou com a pessoa raptada, após o episódio.

Por isso, achamos que o terceiro capítulo deve ser lido no fim; nessa ocasião, o primeiro e o segundo serão consultados, apenas para mais bem situar o assunto focalizado. Acrescentamos ainda um 4º capítulo, onde procuramos cautelosamente aventar algumas conclusões.

Embora não façam parte da ação do episódio propriamente dito, achamos que são detalhes importantes os dados referentes à localização da residência da testemunha, as fotomontagens panorâmicas e os mapas da região. Tudo isto foi realizado para que o leitor se possa entrosar o mais possível com o cenário dos bastidores físicos e psicológicos daquele episódio.

CIPEX e GENA
2004

Iª PARTE – O EPISÓDIO

DADOS SOBRE O EPISÓDIO

Identificação da testemunha: Antônio Bogado La Rúbia, de 33 anos de idade, casado, e há 3 anos motorista de ônibus, tendo instrução de nível primário.

Residência da testemunha: Rua Caraguatatuba, Quadra 64 , Lote 4, no Bairro 7 de Abril, em Paciência, Distrito de Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Local de trabalho da testemunha: Empresa de Ônibus "Transporte Oriental", na Avenida Santa Cruz, nº 1220, em Santíssimo, Rio de Janeiro, RJ.

Local do seqüestro e da libertação: A testemunha foi seqüestrada a aproximadamente 500m de sua residência e libertada a cerca de 3 000m adiante, na estrada.

Notícia publicada: Jornal "O Dia", do Rio de Janeiro, de 4/10/77, com o título: "Uma hora preso no disco voador, saiu com febre de 42 graus".

Datas da pesquisa: Em 1977, nos dias 15, 18, 19, 20, 23, 24 e 31 de outubro, 2 e 16 de novembro e 18 de dezembro. Em 1978, no dia 6 de abril.

RELATO DO EPISÓDIO

No dia 19 de setembro de 1977, Antônio (daqui em diante, vamos apresentar a testemunha, sob este nome, aos nossos leitores) levantou-se às 2h da manhã, sem precisar de despertador. Este era um hábito diário seu, uma vez que iniciava às 3h da manhã o seu trabalho de motorista de ônibus, na Viação Oriental, em Santíssimo, distante uns 15 a 20 km de sua residência.

Para conforto e segurança dos empregados dessa empresa, que moram em lugares ermos e distantes, estes são recolhidos um a um, por ônibus, perto de suas casas. Este é o caso de Antônio, pois gasta-se aproximadamente meia hora, de automóvel, da sua casa, em Paciência, até a Viação Oriental. Antônio costumava esperar essa condução a uns 350m de sua residência, em torno das 2h 15min. Ele aguardava o ônibus em uma praça, porque no local de sua casa a rua é de terra e não permite o trânsito de veículos grandes. Essa rua é atravessada por valetas resultantes de erosão provocada pelas chuvas, pois não possui proteção de pedra ou asfalto; além disso, ela apresenta uma subida de uns 15 a 20m e sofre a ação das águas que descem do Morro de Santa Eugênia, com 277m de altitude. Este é uma pequena serra, de direção leste-oeste, assim como outras nas vizinhanças de Santa Cruz e Campo Grande; são os contrafortes da Serra do Mar, que se estende ao longo dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

No dia em apreço, Antônio havia tomado café, da garrafa térmica, preparado na véspera. Vestiu-se e, antes de sair de casa, aproximadamente às 2h 10min, apanhou uma sacola de papel, onde levava sua gravata, guarda-pó e toalha. Desceu a rua, em direção à praça, caminhando os primeiros 50 metros em direção ao norte e, uns 300 metros, em direção a sudoeste. De longe, Antônio avistou na praça um vulto escuro que interpretou ser o ônibus à sua espera.

Chegando mais perto, Antônio viu que o vulto não podia ser confundido com o ônibus; primeiro, por estar esse vulto parado além do meio-fio e portanto dentro do gramado de um campo de futebol (em razão da baixa densidade populacional daquele bairro, essa praça vê-se transformada, por enquanto, em um campo de futebol); além disso, Antônio verificou espantado, mais de perto, que as dimensões do vulto eram muito maiores do que as que havia estimado à distância. De fato, o vulto ocupava toda a área entre as duas balizas do campo, distantes cerca de 60 a 70m entre si. A figura tinha formato discóide e arredondado, com um diâmetro de aproximadamente 50 a 60m, e parecia assentada no solo. (OBS.: A praça toda mede cerca de 80 x 80m a 90 x 90m). No centro, o objeto era coroado por

uma cúpula de aproximadamente 7m de altura; parecia assim ter uma altura total de uns 10m, pois sua parte inferior, larga e convexa, apresentava uns 3m de altura; na superfície, tinha um aspecto metálico, de tonalidade chumbo, sem brilho; não havia janelas, nem portas.

Antônio julga que tenha se ocupado cerca de 3 a 5 minutos com suas observações, facilitadas pela iluminação pública de lâmpadas de mercúrio. Entretanto, viu-se repentinamente envolvido por um jato de luz azul cuja procedência ignorava. Antônio verificou que tudo ao seu redor estava banhado por um esplendor azulado, como, por exemplo, os postos de iluminação pública; essa luminosidade parecia lhe causar um tremor ao longo da espinha. Tudo isto já lhe causava enorme espanto, quando surgiram, em fração de segundo, outros aspectos do fenômeno, assustando-o ao extremo e fazendo com que ele iniciasse a fuga imediatamente.

Fazemos aqui breve parêntese para explicar em detalhes aquilo que para Antônio durou apenas alguns poucos segundos. Foi-nos difícil a reconstituição desse quadro, através de revisão daqueles momentos, na mente de Antônio. Isto, porque, aparentemente, ele ficava possuído pelo terror que lhe infundia a mera lembrança dos instantes que compreendia apenas parcialmente. Cada vez que os relstava, percebemos que a voz de Antônio se alterava em intensidade (começava a falar muito alto) e em seqüência (falava em "staccato", fazendo pausas abruptas entre as palavras). Ele fixava os olhos em algum ponto do espaço, gesticulando as mãos e os braços como se estivesse revivendo o passado. Denotava ainda frustração e impaciência para com o interlocutor quando este o interpelava sobre certo detalhe, explicação ou ângulo novo a esclarecer.

OBS.: Assim, procuraremos aqui (Iª parte) reconstituir para o leitor, da melhor maneira possível, esse rápido episódio. Ele foi o primeiro de uma série de outros fenômenos de ordem fisiológica os quais tiveram seu aparecimento no corpo de Antônio, e que estão relatados na IIª parte.

Na noite então iluminada, o que primeiro chamou a atenção de Antônio foram uns pontos luminosos e brilhantes, à sua frente, que pareciam refletir a luminosidade do facho azul. Havia três grupos desses pontos luminosos. Cada grupo de reflexos concentrava-se numa figura de formato aproximadamente elipsoidal, semelhante a uma cabeça, pois se assentava sobre um tronco o qual ainda apresentava dois prolongamentos laterais, como braços flexíveis. Havia portanto três daquelas figuras, apresentando cada uma delas, na "cabeça", uma série de reflexos, ordenados em direção horizontal.

A CAPTURA DE ANTÔNIO

O disco estava a uns 20m de distância de Antônio (que se encontrava ainda postado no meio da rua). Entretanto, se acercaram rapidamente dele os três vultos que ele avistara no momento em que a luz surgiu.

Aquele que se encontrava mais longe de Antônio estava a uns 10m de distância, à sua frente, portanto, além do meio-fio, embora na parte externa do campo de futebol. Os outros dois estavam a uns 2 ou 3m de Antônio, um, mais à esquerda e, o outro, mais à direita.

A parte "elipsidal", que aparentemente representava a cabeça das figuras, chegava até à altura do ombro de Antônio. Entretanto, o tronco dessas figuras descançava em um pé único. Esse pé era cilíndrico e de aspecto artificial como se fosse torneado. Mesmo assim, os três seres locomoviam-se com toda a facilidade e rapidez, vencendo inclusive o meio-fio, embora Antônio não soubesse como o conseguiram.

A criatura mais distante movimentou-se rapidamente na direção de Antônio, descendo para a rua e colocando-se à sua direita. A que havia estado na sua frente e à direita postara-se atrás de Antônio; este voltou-se para seguir-lhe os movimentos; na ponta de um de seus braços flexíveis, aquela criatura segurava algo parecido com um instrumento (OBS.: Semelhante a uma seringa, como se verificaria mais tarde).

A personagem que se achava à esquerda e à frente de Antônio colocara-se ao seu lado e fazia-lhe um sinal, com os braços flexíveis, na direção do disco; o gesto parecia o de um guarda de trânsito que, ao abrir uma via permitindo o avanço dos veículos, movimenta caracteristicamente os seus braços.

Embora Antônio tivesse tentado a fuga desde os pri

meiros momentos, só agora a descrevemos, porque achamos de importância maior a narração de outros lances. Mesmo porque Antônio não conseguiu encetar a fuga pretendida; a uma distância de 1 a 0,5m, seu corpo batia em paredes invisíveis, com os pés, braços e mãos, mas nenhum som era ouvido. E ainda, com maior susto e apreensão, percebeu que ele mesmo havia começado a se movimentar em direção ao disco, apesar de contra a sua vontade. Antônio não acredita que tenha sido empurrado pelas paredes invisíveis que o contiveram e nem que seus pés tenham sido arrastados. Não sabe explicar também de que modo venceu o meio-fio da rua para subir até à grama do campo. Lembra-se de que, ao chegar até aproximadamente a 1m do disco, passou para dentro deste, mas, não sabe explicar como isso aconteceu.

NO INTERIOR DO DISCO VOADOR

Antônio narrou que, dentro do disco voador, viu-se inicialmente no meio de um corredor de aproximadamente 2m de largura e que era "recurvado para dois lados". (OBS. da SBEDV: Circular, acompanhando o contorno do disco?) A sua esquerda, viu os dois seres que supostamente o haviam raptado e, à sua direita, ao longo do corredor, afastava-se uma terceira personagem. Olhando para trás, Antônio observou que as paredes do corredor estavam transparentes, pois, para baixo, enxergava os postes de iluminação e a praça onde havia estado ainda poucos instantes antes. Entretanto, agora ele via a praça de cima e ela estava se afastando. Surgiram também por baixo uma palmeira e a paisagem situada a oeste daquela praça, o que indicava estarem Antônio e o disco viajando nesse instante, naquela direção.

Ainda ocupado com o pensamento nisso, Antônio viu surgir novamente a estonteante luz e o formigamento ao longo de sua espinha. Outra vez houve uma metamorfose do ambiente, pois no instante seguinte a testemunha achou-se bem no centro de um salão. Este salão apresentava um diâmetro de 10 a 12m e a 4m do chão, aproximadamente, o teto plano, de onde provinha fortíssima luminosidade.

Em cada lado de Antônio, à esquerda e à direita, havia um grupo de seres conforme os já descritos aqui. Cada grupo contava aproximadamente uma dúzia ou mais. Para a testemunha, sobressaía nesses seres a movimentação constante de seus braços flexíveis, mais parecidos com trombas de elefante. Eles ostentavam nas cabeças uma espécie de antena, que Antônio não havia observado nos três primeiros que vira na praça, (OBS. da SBEDV: devido à escuridão?).

As rápidas sequências vividas pela testemunha, embora só passivamente, não haviam lhe retirado ainda a idéia de fugir. Pelos menos, Antônio fazia tentativas para isso, pois constantemente procurava deixar o cubículo de paredes invisíveis que o prendia, batendo incessantemente com seus membros de encontro a elas. Diante dessa prisão e da impotência para se defender, tendo ainda pela frente duas dúzias de seres iguais aos seus captores, o pânico de Antônio alcançou grande intensidade de desespero. Por isso, hoje a mente de Antônio se ressente disso, apesar de vários meses decorridos.

O PARADOXAL EFEITO DE UM SOM

O ambiente no interior do aparelho era muito quente e, a Antônio o ar parecia rarefeito. Ele tinha dificuldades em respirar e estava arquejante.

Nenhum som chegava aos ouvidos da testemunha, nem tampouco o barulho de suas batidas. Assim, quase fora de seu juízo normal, por tolerar acordado esse pesadelo contínuo, Antônio fez um superesforço para gritar ou então, pelo menos, ouvir seus próprios gritos. Para sua surpresa, subitamente foi-lhe dado ouvir pela primeira vez um ruído: seus próprios gritos, a plenos pulmões: "Quem são vocês? Que querem de mim?"

O efeito físico daquele grito de Antônio, nesse ambiente de silêncio, foi algo de espantoso. Com esse barulho, todos aqueles seres, reunidos em dois grupos, caíram para trás, de costas, como que nivelados por um furacão. Como o motivo dessa queda tivesse se originado em Antônio, as criaturas extraterrestres ficaram derrubadas ao solo com suas cabeças na direção oposta à da testemunha do episódio.

Na queda, cada um dos seres procurava, com a extremidade de suas duas trombas, segurar ou proteger uma espécie de pequena hélice, com cerca de 2,5cm de diâmetro, semelhante a uma pequena colher, fixa no topo de uma haste-antena presa na parte superior do "elipsóide" – se assim

quisermos denominar aquilo que corresponderia, pela posição, à cabeça humana terrestre; essa haste-antena possuía um comprimento de aproximadamente uns 20cm.

Passados alguns momentos, os extraterrestres estenderam para a frente os seus braços-trombas; em seguida, sem curvarem seus corpos para a frente (como seria o normal para um ser humano que quisesse levantar-se), todos eles passaram gradativamente para a posição vertical (conforme estavam desde o início).

Pelo ritmo que a partir daí tomaram os acontecimentos, cada um deles quase que era superposto ao anterior, antes que a cabeça de Antônio pudesse achar uma explicação ou adaptar-se pelo menos a cada situação. Porém, essa louca seqüência continuava a desenvolver-se daqui em diante, embora Antônio não fosse mais o pivô do espetáculo, mas, apenas expectador. Mesmo assim, nos 30 minutos aproximados que passou nesse salão do disco voador, a mente de Antônio foi extremamente solicitada pelo que presenciou. Por isto entendemos poder transmitir ao leitor apenas uma fração do episódio; nunca seríamos capazes de reproduzir nestas palavras o impacto sofrido por Antônio, em tudo aquilo.

OS DETALHES OBSERVADOS NOS UFONAUTAS E NO INTERIOR DA NAVE

Daquele momento em diante, Antônio não conseguiu repetir a proeza de seu grito, com o estonteante efeito. O resto do episódio desenvolveu-se em completo silêncio. Houve apenas projeções de imagens quadradas, com aproximadamente 2 x 2 m, na parede oposta à posição de Antônio.

Essas projeções eram aliás sempre acompanhadas por um movimento de luzes no teto, que surgiam com grande intensidade. Tais luzes alternavam-se na cor: às vezes eram brancas e, outras, azuis. Esse jogo de luzes fora também visto por Antônio durante a queda dos ufonautas, já descrita. Ainda com relação ao movimento das luzes, é interessante notar que elas surgiam no teto para depois se desfazerem gradualmente, como se fossem uma nevoazinha baixando ao longo das paredes. Quando a luz intensa desaparecia, via-se que as paredes e o teto eram da tonalidade do alumínio fosco, enquanto que o chão tinha a cor de chumbo.

A técnica das projeções mencionadas estava ligada a uma certa mesinha diante de Antônio; essa ligação fazia-se por uma série de apetrechos e espécies de seringa que os ufonautas levavam ou atarraxavam à mesinha. Todas essas seringas tinham aproximadamente 20 cm de comprimento; grande número delas estava afixado na parte inferior do tronco de cada ufonauta, como que formando uma cartucheira larga. Os extraterrestres adiantavam-se, alternadamente, um de cada grupo. Cada um passava por Antônio e seu cativeiro invisível, para depositar uma das suas "seringas" numa parte da mesinha, oposta a Antônio, atrás de um anteparo e assim inacessível à vista da testemunha. As "seringas" escolhidas pelos ufonautas eram geralmente as mais estreitas, com cerca de um dedo de grossura; isso, embora houvesse, na "cartucheira", "seringas" mais largas, com três a quatro dedos de grossura.

Cada "seringa" era retirada pelo ufonauta através de seu "braço-tromba", que possuía cerca de um dedo de espessura na extremidade; esse braço-tromba enrolava-se em torno da "seringa" para transportá-la.

Geralmente esses braços-trombas estavam em movimento; por exemplo, um passando por cima de um ombro, enquanto o outro passava pelas costas. Esses membros começavam junto aos ombros, com uns 20 cm de diâmetro, e eram cobertos de escamas finas, de cor escura e fosca (ver Letrafilm 280 M).

Os ombros apresentavam cerca de 55 a 65 cm de largura. As trombas eram relativamente longas, com cerca de 100 a 120 cm de comprimento; sua extremidade ficava a um palmo do chão, quando estendidas, o que raramente aconteceu (isto foi observado em um dos ufonautas durante o ato da captura de Antônio e em um outro que acabava de depositar a "seringa" na mesinha da testemunha).

O "elipsóide" alongado (sem boca, orelhas ou cabelo), que poderia presumidamente corresponder à cabeça humana terrestre, media aproximadamente 30 cm no diâmetro maior e vertical; essa "cabeça" assentava-se diretamente na parte superior do tronco, sem o intermédio de um pescoço; era lisa e tinha a mesma tonalidade cinza do resto do corpo do ufonauta, como tromba, tronco e pé. O diâmetro menor e horizontal desse "elipsoide" media uns 14 a 16cm ao redor da circunferência correspondente a esse menor,

estavam implantados, com intervalos regulares, uma espécie de espelhozinhos côncavos com aproximadamente 2 a 3cm de largura cada um; pela frente sempre se viam 5 ou 6 desses pequenos espelhos. Do centro deles, irradiava-se uma luz branca (SBEDV: ou luz incolor?) e, da sua periferia, uma luz azul. Essas luzinhas oscilavam simultaneamente na sua intensidade, aproximadamente de meio em meio segundo, a ponto de atrair a atenção da testemunha e transmitir-lhe ainda uma espécie de torpor hipnótico (de acordo com a expressão de Antônio).

A colher ou hélice, já mencionada anteriormente, na extremidade da "antena", mostrava constante movimentação; ora rodava lentamente ou inclinava para um ou para outro lado, ora parava e invertia o sentido de sua rotação.

Finalmente, descrevendo o pé, Antônio disse que era representado por um cilindro de aproximadamente 50 cm de comprimento e 10 a 12 cm de diâmetro. Na sua extremidade inferior, esse "pé" alargava-se para uns 20 cm, em forma de prato. Esse "prato" era côncavo e o cilindro-perna era oco. Antônio pôde perceber isto quando os ufonautas caíram ao chão, depois dos seus gritos.

Segundo as declarações de Antônio, o tronco dos ufonautas tinha uma altura de uns 50 a 60 cm. Esse tronco afinava-se na sua extremidade inferior, de modo a parecer assentado sobre o pé, como se "estivesse o tronco sentado em um tamborete". (OBS.: O nosso desenhista procurou dar realce nisso, da melhor maneira possível, no retrato falado que fez, dos ufonautas, a partir da descrição dada por Antônio).

A cabeça dos ufonautas chegava a alcançar o ombro de Antônio, mas, a antena projetava-se além, cerca de uns 20 cm. (OBS.: Antônio possui 1,68 m de altura.)

Descreveremos ainda a mesinha que estava na frente de Antônio, a uns 2 m de distância. Esse móvel apresentava uns 50 cm de comprimento por 20 cm de largura e 5 cm de espessura. Na parte voltada para Antônio, havia um teclado com teclas de aproximadamente 8 cm de largura. Tal mesinha era apoiada por dois pés delgados, fixos a dois lados opostos e no alinhamento central em relação aos outros dois lados, conforme indicado no desenho correspondente, neste Boletim.

Estes pés mediam cerca de 1,20 a 1,30 m de altura, 1 cm de largura e 1 a 2 mm de espessura. Na mesinha, em sua parte mais afastada de Antônio, havia ainda um anteparo com cerca de 10 cm de altura; junto a este anteparo, em cada lado da mesa, havia um par de hastes estendidas para cima, com aproximadamente 20 cm de altura cada uma. Tanto a mesinha como os pés e hastes possuíam a cor de alumínio (Letrafilm 172/173 M).

ASSISTÊNCIA OBRIGATÓRIA A 14 ESTRANHAS PROJEÇÕES

Como já mencionamos anteriormente, as projeções eram iniciadas por um ufonauta que, alternadamente, adiantava-se ora de um ora do outro grupo enfileirado a cada lado de Antônio.

Ainda falando sobre a "seringa" que os extraterrestres colocavam na mesinha, acrescentaremos aqui outros pormenores. Em sua extremidade inferior, esta "seringa" possuía uma espécie de bico e, na parte superior, dois ganchos cuja função mais adiante explicaremos.

Cada ufonauta colocava a "seringa" e, antes de voltar ao grupo ao qual pertencia, apertava uma das teclas da mesinha.

OBS.: Talvez o lugar onde a "seringa" fosse atarraxada ou colocada tivesse uma conexão com a tecla).

Assim que a tecla era tocada, imediatamente iniciava-se uma projeção na parede. Essa projeção variava de duração: às vezes permanecia somente alguns poucos segundos, para logo dar a vez à projeção seguinte.

Quando voltava ao seu grupo, havendo iniciado uma projeção, cada ufonauta sempre dava um giro de 180° em seu corpo; isto, embora não se pudesse distinguir de antemão qual a sua frente ou as suas costas, pois ambas eram iguais.

Naqueles momentos, quando o ufonauta estivesse perto, Antônio podia perceber nele um vagaroso movimento de enchimento e esvaziamento do tronco; esse movimento era semelhante ao nosso ato respiratório, embora alternando-se apenas de 4 em 4 segundos. (OBS.: o nosso movimento respiratório se repete aproximadamente a intervalos de 2 segundos.).

Antônio percebeu também, por ocasião de uma das projeções, descrita mais adiante pormenorizadamente, que a "tromba" do ufonauta estava perfurada na extremidade. Talvez, isso pudesse também servir para a aspiração de gases da atmosfera extraterrestre, caso os ufonautas disso tivessem necessidade para sua sobrevivência fisiológica (se eram pessoas) ou seu funcionamento mecânico (se eram robôs). A movimentação constante dos "braços-trombas" bem poderia estar ligada também a esse detalhe do corpo dos ufonautas, embora pudesse estar ainda ligada à preservação do equilíbrio ou movimento dos extraterrestres.

14 PROJEÇÕES

PRIMEIRA PROJEÇÃO

Na tela da parede, Antônio viu-se inteiramente nu. Estava deitado, embora não enxergasse nenhum suporte para seu corpo, que parecia portanto suspenso no ar.

Havia ainda na tela três ufonautas do mesmo tipo dos que capturaram Antônio. Dois deles estavam perto dos pés da testemunha e, um, à cabeceira. Na extremidade de suas "trombas-braços", os três extraterrestres seguravam uma espécie de seringa, idêntica às que Antônio chegara a conhecer anteriormente. De cada uma destas seringas, saía um feixe de luz azul com o qual os seres iluminavam (examinavam?), na tela, o corpo da testemunha. Assim, Antônio viu, nitidamente, seu rosto e seu cabelo tomarem uma coloração azulada, na tela, quando enfocados respectivamente pelos feixes de luz azul.

SEGUNDA PROJEÇÃO

Esta segunda projeção foi de curta duração, talvez de alguns segundos. Antônio viu-se na tela outra vez todo nu. Porém, desta vez, encontrava-se de pé, fazendo movimentos com os lábios, embora não se ouvisse nenhum som.

No início desta projeção, houve uma diferença que a distingue das demais. Isto porque o ufonauta, para colocar sua seringa atrás do anteparo existente na mesa de Antônio, não passou por trás deste móvel, mas, pelo vão que havia entre Antônio e a referida mesa. Embora este vão fosse de aproximadamente 2m, tal dimensão era apenas aparente. Ele deveria ser bem menor, subtraindo-se cerca de 1m devido ao espaço tomado pelo cativeiro invisível, de Antônio (esse cativeiro apresentava um diâmetro de aproximadamente 2m).

Com relação ainda a esse cativeiro invisível e às projeções que prendiam toda a sua atenção, Antônio relatou-nos que chegou até a abstrair-se de seu pânico e de sua estranha posição no ambiente; ocasionalmente, surpreendia-se apoiando-se com as mãos e os braços nas paredes invisíveis de sua prisão.

CIPEX e GENA
2004

TERCEIRA PROJEÇÃO

Nesta projeção, Antônio viu-se de pé, vestido conforme estava no momento; segurava ainda sua bolsa de papel, com a mão direita, enquanto que, com a mão esquerda e as pernas, debatia-se contra as paredes, defendendo-se de alguma coisa aparentemente invisível. Não se ouvia nenhum som durante esta cena (bem como em nenhuma das outras projeções relatadas aqui).

Gostaríamos de inserir aqui uma observação feita por Antônio: no momento em que assistia às projeções, ele já não estava mais de posse de sua bolsa de papel. (OBS. da SBEDV: Talvez essa bolsa tivesse sido retirada de Antônio na hora de sua captura, ocasião em que se teria "gravado" esta projeção, vista agora como uma espécie de "vídeo-tape". Entretanto, conforme o leitor verá mais adiante, a bolsa foi devolvida a Antônio quando este foi solto do cativeiro.)

QUARTA PROJEÇÃO

Nesta projeção, Antônio viu uma carroça de duas rodas, puxada por um belo cavalo. O animal trotava normalmente e tinha a cor castanho-avermelhada.

Biblioteca Pública do Paraná
Divisão Geral
Sala de Periódicos

QUINTA PROJEÇÃO

Foi visto nesta projeção um homem de idade avançada, parado, com uma fisionomia calma. Ele usava um chapéu de palha, estava descalço e trajava uma roupa toda remendada. Antônio achou que poderia existir uma relação entre esta projeção e a anterior, da carroça; talvez o homem aqui representado fosse o carroceiro daquele veículo.

SEXTA PROJEÇÃO

OBS. da SBEDV.: Esta foi a projeção que maiores temores instilou em Antônio. Conforme a interpretação desta cena, talvez ela enseje também ao pesquisador tirar algumas conclusões sobre o real poder tecnológico daqueles estranhos seres encontrados por Antônio (leia-se o artigo de R. Hall, à pág. 13 do nosso Boletim 112/115). Ela poderia também explicar o sentimento de humilhação experimentado pelos políticos das hegemonias terrestres ligados à pesquisa dos extraterrestres. É por estas razões psicológicas que esses políticos estão colocando, o assunto UFO, sob as leis de guerra e de espionagem terrestres.

Nesta projeção, Antônio observou um grande e visto so cachorro preto, postado diante de um ufonauta do tipo dos que tratamos aqui. O animal procurava avançar para o extraterrestre. Entretanto, parecia contido, talvez por um obstáculo invisível, semelhante ao que prendia Antônio.

O cão arreganhava os dentes e babava. Viu-se nele por quatro ou cinco vezes, um movimento de cabeça e da boca, o que devia corresponder a latidos. Contudo, esta projeção, bem como todas as outras, também era silenciosa.

Depois dos gestos de latidos feitos pelo cachorro, começou a se desenrolar na tela uma cena chocante. O ufonauta projetado na parede começou a desmanchar-se. Esse processo de decomposição principiou pela cabeça do extraterrestre e foi se alastrando pelo seu corpo abaixo, até restar dele somente uma pequena massa cinzenta, no chão...

Enquanto Antônio assistia, atônito, a esta cena horripilante, a luz do teto da nave espacial tornou-se intensíssima. Ao mesmo tempo, uma das personagens de um dos grupos no interior do disco, adiantou-se velozmente em direção à tela; em seu "braço-tromba", estendido para a frente, encontrava-se uma seringa atarraxada na extremidade; da ponta desta seringa, partiu um raio de luz azul que atingiu o cachorro projetado na tela. Incontinente, o cão passou a sofrer o mesmo processo de decomposição do ufonauta observado instantes antes, na tela. O animal começou a se desmanchar, de cima para baixo, até restar dele apenas um montezinho de massa cinzenta, no chão. Segundo as palavras de Antônio, esta última cena de destruição do cachorro foi rapidíssima, tendo levado talvez uns dois segundos.

Antônio acreditava que o dramático aumento de luminosidade do teto, durante esta projeção, talvez estivesse ligado às anormalidades surgidas então na tela.

CIPEX e GENA
2004

SÉTIMA PROJEÇÃO

Nesta projeção Antônio enxergou-se a si mesmo, vestido. Estava curvado para a frente e fazia uma cara feia, enquanto que saía fumaça de suas costas.

OITAVA PROJEÇÃO

Outra vez Antônio viu sua própria pessoa projetada na tela. Estava então vestido e vomitava. Aparentemente, sofria ao mesmo tempo de descargas intestinais incontroláveis, pois via fezes passando por suas calças.

OBS.: Dias após sua libertação, Antônio chegou a sofrer de modo bastante semelhante ao que seu sócia vivia na tela. Assim, a testemunha chegou posteriormente à conclusão de que esta projeção serviu para avisá-lo dos padecimentos que eventualmente ainda iria sofrer. (Talvez esses males fossem uma conseqüência das energias às quais Antônio havia sido exposto no disco, durante seu cativeiro.)

NONA PROJEÇÃO

Nesta, novamente Antônio avistou sua própria figura na tela. Encontrava-se vestido e de pé. Ao seu lado direito, à altura do peito, flutuava uma esfera alaranjada e de tamanho próximo ao de uma bola de futebol.

DÉCIMA PROJEÇÃO

Esta cena era semelhante à anterior. Porém, em vez de Antônio, via-se um ufonauta do tipo dos tratados aqui. Ao lado direito do extraterrestre, à altura de seu tronco, flutuava também uma bola das mesmas dimensões da anterior. Entretanto, a cor desta bola era azulada. As "trombas" do personagem, na tela, estavam penduradas, imóveis, chegando quase até ao chão. Mas, as luzinhas dos espelhinhos da "cabeça" faiscavam e oscilavam normalmente.

Antônio não consequiu dar nenhum sentido ou interpretação para a nona e a décima projeções.

DÉCIMA PRIMEIRA PROJEÇÃO

Nesta, via-se o interior de um hangar ou galpão gigante, onde havia três filas de discos voadores a se perderem de vista. Entre essas filas havia inúmeros ufonautas idênticos aos raptores de Antônio, fazendo tudo parecer um verdadeiro formigueiro. Entretanto, os extraterrestres não traziam consigo, visíveis, quaisquer ferramentas ou peças. Apesar disso, a fila da esquerda apresentava discos voadores em arcabouço, enquanto que as duas filas da direita mostravam seus aparelhos apenas semiacabados.

DÉCIMA SEGUNDA PROJEÇÃO

Esta projeção mostrava um trem de alumínio. Este trem era semelhante àquele adquirido recentemente, do Japão, pela Estrada de Ferro Central do Brasil, conforme o noticiado pelos jornais. Contudo, em contraste com os comboios japoneses, Antônio não enxergou janelas nos vagões projetados na tela. (OBS. da SBEDV: Tratar-se-ia de um trem tipo frigorífico?).

O trem movimentava-se em direção a um túnel, no qual entrava e desaparecia gradstivamente. A visão do último vagão era igual à dos nossos trens comuns; avistavam-se o vão aberto e também os chicotes pendurados, como os que servem para as conexões de freios a ar e ligações elétricas.

CIPEX e GENA
2004

DÉCIMA TERCEIRA PROJEÇÃO

OBS. da SBEDV.: Embora esta não se trate de uma projeção igual às outras, não abrimos um parágrafo em separado por não distinguirmos ainda a verdadeira natureza e o sentido das manobras e manipulações nela presenciadas.

Como uma espécie de preparativo para esta "projeção", um dos ufonautas adiantou-se em direção a Antônio, parando a uma distância de aproximadamente 2m. Em seguida, o extraterrestre, com uma de suas "trombas", atarraxou na terminação da outra "tromba" (onde se via um furo central) uma das seringas que retirara de sua "cartucheira". Antônio observou também que dois ganchinhos existentes na parte mais larga da seringa giravam muito velozmente quando em contato com a tromba perfurada; tinha-se a impressão de que esse movimento rotativo fazia com que a seringa se atarraxasse à "tromba". Tendo assim fixado rapidamente a seringa na ponta de sua "tromba", o ufonauta apontou com ela, na direção de Antônio. Embora relutasse contra isso, Antônio foi obrigado a levantar seu braço direito, com o dedo indicador estendido para a frente.

Posteriormente, Antônio relatou-nos que, naquele instante, não possuía mais o controle de seu braço e de seu dedo direito ; não tinha qualquer percepção dele, pois sentia uma dormência nesse membro , naquela hora.

A seringa era feita de um material azulado e translúcido. Assim, Antônio pôde acompanhar o enchimento gradual desta seringa, com um líquido vermelho. Entretanto, Antônio não conseguia saber se tal líquido era seu próprio sangue, pois não via a passagem deste, pelo ar, na distâncias de aproximadamente 1m entre ele e a seringa, nem enxergava o sangue a sair do seu próprio dedo.

Em seguida, o extraterrestre apontou esta seringa para a parede, da qual distava uns 4 ou 5m; com o líquido contido no instrumento, ele pintou rapidamente, na tela, uma circunferência vermelha com um diâmetro aproximado de

25cm. No círculo assim formado, o extraterrestre desenhou uma linha reta obliqua, de cima para baixo, da esquerda para a direita; na parte de cima, esta linha obliqua ultrapassava a circunferência em cerca de 10cm e, na parte inferior, ela excedia a circunferência, em aproximadamente 4 cm. Na extremidade inferior da linha reta, o ufonauta desenhou um gancho em ângulo reto, formando assim uma espécie de "L".

Esse desenho foi repetido, nas mesmas dimensões, mais duas vezes, abaixo do traçado original e igual a este; cada um desenho ficava a uma distância aproximadamente 5 cm um do outro.

No final dos desenhos, Antônio percebeu que havia sido consumida, com eles, aproximadamente uma terça parte do líquido contido na seringa; ele pôde observar isso pela transparência da seringa.

A feitura de todos os desenhos não levou mais que alguns segundos e, logo após, os desenhos apagavam-se por si mesmos.

CIPEX e GENA
2004

DÉCIMA QUARTA PROJEÇÃO

Nesta projeção, via-se uma autopista parecida com a Avenida Brasil, do Rio de Janeiro. Porém, todo o transito achava-se paralisado por um monumental engarrafamento.

O DESEMBARQUE DE ANTÔNIO

No momento seguinte à décima quarta projeção que assistira ainda no interior do disco voador, Antônio viu-se repentinamente outra vez pisando chão de terra firme, à noite. Achava-se de novo de posse de sua bolsa de papel, o que lhe pareceu bastante estranho pois, dentro do disco voador, ela não se encontrava em seu poder.

Se não fosse a presença de um ufonauta ao seu lado, à distância aproximada de 1,5 m, Antônio poderia pensar que todo o episódio se tivesse passado na sua imaginação, ou então, que fosse um pesadelo seu. Contudo, ele não avistava o disco voador, por perto; então, levantou a vista, à procura da nave. Foi quando viu, por baixo, o aparelho voador, com um enorme bojo cinzento, à altura dos postes de iluminação. Porém, o disco voador estava naquele momento subindo tão velozmente, que era difícil acompanhá-lo com a vista. Quando o aparelho desapareceu, Antônio olhou de novo ao seu redor, à procura do ufonauta. Entretanto, o extraterrestre havia desaparecido também.

Observando em volta, Antônio avistou umas estacas feitas de trilhos, na beira da estrada rua Rosal; à sua frente, ele viu a casa de alguns parentes seus, na estrada Santa Eugênia.

Assim, ele soube que estava bem perto (cerca de 50 m) da estação da estrada de ferro de Paciência, no cruzamento com a estrada que liga Campo Grande a Santa Cruz. Antônio olhou seu relógio, que estava parado em 2h 20min. Sentiu-se fraco, tonto, cansado e suado, após ter passado por extrema tensão nervosa (dentro do disco, havia também experimentado uma dificuldade em respirar, pois estava num ambiente quente).

Antônio dirigiu-se para a esquina do cruzamento das estradas. Àquela hora, o lugar estava ermo e com pouco tráfego. Na escuridão, o motorista viu um outro rapaz perto de um bar, ainda fechado, à esquerda. Antônio encaminhou-se para o estranho e perguntou-lhe as horas. "São 2h 50min", foi a resposta.

Assim, Antônio havia estado presumidamente uns trinta minutos no interior do disco voador, embora lhe parecesse ter ficado mais tempo...

Se tivesse de andar a pé de sua casa até àquele cruzamento onde se achava no momento, para apanhar um ônibus qualquer, Antônio teria gasto cerca de meia hora também, para os 2 a 3 km de percurso.

Antônio resolveu silenciar sobre o episódio estranho que acabara de viver. Isto porque se dizia que tais fatos não aconteciam e que somente as pessoas malucas relatavam experiências como aquelas. Então, embora sentindo-se mal, Antônio achou que não havia razão para voltar para casa ou faltar ao emprego; seguiu logo para a empresa onde trabalhava.

O motorista não tencionava falar sobre o assunto, em casa, com a esposa, e muito menos no local de trabalho. E Antônio conseguiu guardar segredo de tudo, até dias após o episódio, quando começou a se sentir muito mal.

IIª PARTE – A SEQÜÊNCIA DOS ACONTECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

Antes de prosseguirmos no relato das peripécias de Antônio, queremos realçar os feitos de duas pessoas envolvidas nesse episódio. Uma dessas pessoas é o Sr. Orlando Alheira, representante do jornal "O Dia"; como repórter de hospital, este senhor soube distinguir o joio do trigo e com imparcialidade interpretou como fidedignas as palavras de Antônio, quando este, de busto nu, descabelado e com excitação psicomotora, buscou socorro no Hospital Rocha Faria.

Entretanto, com relação ao Sr. Alheira, o leitor encontrará maiores detalhes mais adiante, em um trecho que julgamos ser mais apropriado para incluir seu relato. Em primeiro lugar, iremos focalizar melhor uma outra testemunha secundária do episódio de Paciência. Trata-se do Sr. Celso Moreira Leite, morador nas proximidades da Praça Ponto Chique, (em Paciência : Bairro 7 de Abril), operário de uma firma de construções e com 24 anos de idade. Sua relação com o caso prende-se ao fato de ele ter presenciado a subida do disco voador, na noite em que Antonio foi seqüestrado. Conseguimos chegar a Celso por intermédio de um vizinho seu. Esse vizinho é o Sr. Edinaldo de Souza, proprietário de um bar na esquina noroeste da Praça Ponto Chique, no cruzamento das Ruas Monte Carlos e Guerra Junqueiro. Diante de nossas insistências durante a pesquisa, o Sr. Edinaldo lembrou-se de ter ouvido falar, na época do seqüestro de Antônio, que uma testemunha teria assistido à subida do disco voador. Após alguns dias de indagações em seu bar, conseguiu localizar essa testemunha, que era Celso, um seu vizinho.

UM TESTEMUNHO IMPORTANTE

Quando abordado por nós, desde logo Celso deu a entender que realmente presenciara o vôo de um engenho aéreo, a uns 500 m acima de sua casa, na direção leste; contudo, não havia visto contornos nítidos desse objeto. Celso percebia apenas que esse objeto subia e estava cercado de luzes; na ocasião, ouvia-se um ruído abafado, de alta freqüência, como o zumbido de turbinas. Esse fato aconteceu às duas horas da madrugada, aproximadamente; Celso; que é solteiro, voltava de uma noite de boemia e aproximava-se de sua casa, vindo pela Rua Monte Carlos. Quando já estava perto de sua residência, na esquina da Praça Ponto Chique, o rapaz viu o disco voador. Nesse mesmo local, Celso foi interpelado por um tipo alto, claro, de camisa branca, e que naquela hora solitária cruzava o seu caminho, cambaleante, indagando-lhe as horas. Celso disse-lhe as horas (duas horas e tanto), esquivando-se de parar, já que o aspecto de bêbado poderia ser um ardil do estranho, para um assalto. Dessa maneira, o rapaz entrou rapidamente em sua casa, onde se deitou logo e tratou de dormir.

Dias após esse fato, Celso teve notícia do episódio de Antônio, a quem conhecia superficialmente. (OBS. da SBEDV: Quando entrevistamos a testemunha Antônio, este não sabia da existência de uma pessoa que havia visto a ascensão do disco voador que o seqüestrara.) Pela coincidência de data e hora, Celso percebeu a ligação entre os dois fatos: o que ele mesmo presenciou e o que aconteceu a Antônio.

Celso deu também a entender que pouco ou quase nada poderia pronunciar contra ou a favor do problema UFO. Interessou-se unicamente pelo caso de Antônio, pela coincidência dos fenômenos observados por eles dois. Além disso, não chegou a fazer alarido sobre o fato que presenciara (o que dificultou, para nós, descobrir essa testemunha).

OS PRIMEIROS MOMENTOS EM TERRA

Voltemos, uma vez mais, nossas atenções para Antônio. Como já dissemos, ele havia sido largado, pelos seres do disco voador, no meio da rua Rosal, em cuja margem existem diversas estacas de aço, constituídas por uns pedaços de trilhos cravados no solo.

Desse local até à Estrada Santa Eugênia, existem apenas uns 30 a 40 m de distância; e, até à esquina dessa estrada com a de Santa Cruz-Campo Grande, existe aproximadamente a mesma distância. Nesta última esquina, onde há uma estação de trem e uma parada de ônibus, Antônio ficou aguardando condução. Vendo um rapaz que estava parado no mesmo local, dirigiu-se a ele e pediu-lhe as horas; a resposta foi: "são 2h 50 min".

OBS.: Antônio queixa-se de que seu relógio automático, de rubis, marca Seiko, tem parado ou atrazado freqüentemente após o episódio ufológico. Nenhum dos relojoeiros, a que recorreu, conseguiu corrigir esse defeito.

Examinando o relógio de Antônio, achamos um desvio de um quarto para meia divisão do mostrador do magnetômetro de Perrinjaquet, utilizado para esse fim, contudo, esse desvio talvez não tenha valor como indício ufológico. Isto, principalmente comparando tal resultado com a indicação de 5 divisões, observada nesse mesmo magnetômetro quando em contato com a lapiseira de Paulo Coutinho, outra testemunha que também esteve dentro de um DV (leia-se Bol. SBEDV nº 116/120, pág. 15). Portanto, o desvio verificado no caso do relógio de Antônio pode se considerar como desprezível e é aqui citado apenas "en passant".

CIPEX e GENA
2004

Aproximadamente às 3h 10min, Antônio seguiu no ônibus 840, linha Santa Cruz – Campo Grande. Ele foi para a garagem da Empresa Oriente, onde trabalhava, em Santíssimo, para cumprir suas obrigações normais no emprego. Embora penosamente, Antônio trabalhou naquele dia. No dia seguinte, uma sexta-feira, sua indisposição continuou; apesar disso, Antônio seguiu para o emprego, de madrugada, como de costume.

O DIFÍCIL ESTABELECIMENTO DE UMA DATA

No decorrer de nossas pesquisas, Antônio mostrou-nos diversas chapas de raio X, da articulação do seu ombro direito e do seu tórax. Essas chapas foram feitas no Ambulatório do INPS de Bangu, aproximadamente no dia 24/09/77, devido às dores que começaram a afetar o motorista logo após sua experiência ufológica. Por causa dessas dores, Antônio havia recorrido a consultas na clínica médica (clínica geral) em 21/09/77 e na clínica ortopédica (21 e 23/09/77 e 5/10/77).

Antônio asseverou-nos também que o episódio sucedera numa das primeiras quintas-feiras do mês de setembro de 1977. A primeira consulta médica foi realizada por ele em 21/09/77, uma quarta-feira. Então, o episódio deve ter ocorrido no dia 15/09/77, a terceira quinta-feira de setembro/77. Essa data seria também confirmada por um telefonema nosso, à seção de pessoal da empresa de Antônio, feito em 21/11/77. Nesse telefonema, um senhor chamado Carlinhos informou-nos que o sábado, 17/09/77, havia sido o primeiro dia em que Antônio faltara ao serviço, então seguindo-se uma série de outros dias de licenciamento.

Segundo nos declarou posteriormente o médico da empresa "Transporte Oriental", esses dias de licença foram 21, 23 e 24 de setembro de 1977, concedidos por essa companhia; os dias 20 e 22 de setembro de 1977 foram licenciados pelo Ambulatório do INPS. Entretanto, quando se perguntava a Antônio a data certa do episódio ufológico, ele tendia a omitir as duas semanas seguintes ao dia 15 de setembro e adiantava o fato para a última quinta-feira desse mês, o dia 29 de setembro (a 5ª quinta-feira desse mês).

Aparentemente, por fatores que vamos explicar, esta última quinta-feira, dia 29 de setembro, fixou-se na mente de Antônio, com destaque especial, apagando, esmaecendo o período anterior e quase transformando-o em amnésia lacunar. Talvez a razão disso vá ser entendida pelo relato do que se passou na noite de 30/09/77, posterior à quinta-feira dia 29/09/77 (5ª quinta-feira do mês).

UMA PATOLOGIA PREVISTA

Na sexta-feira, dia 30/09/77, Antônio saiu do local de trabalho e chegou em casa às 21 h. Sentindo-se indisposto, informou à esposa e foi logo para a cama, sem jantar.

A seguir, iniciou-se em Antônio uma diarréia, cujo surto durou a noite toda, com interrupções, fazendo-se ainda acompanhar de vômitos freqüentes.

Antônio lembrou-se nessa ocasião da projeção que havia visto no interior do disco voador, onde ele mesmo aparecia sofrendo daquele mal. Parecia-lhe que os ufonautas quiseram avisá-lo daquilo que mais tarde ele chegaria a sofrer e, de fato, naquela noite ele estava sofrendo.

Nessa mesma ocasião, talvez tenha vindo à tona a lembrança daquela projeção no disco voador, em que um cachorro fora aniquilado (aparentemente) por um raio luminoso desfechado na tela, por um dos ufonautas. Será, teria pensado Antônio, que esses tripulantes não me possam agora causar um maior mal, com um daqueles raios, desfechados na minha própria imagem, projetada em algum lugar no disco voador? Temos a impressão de que as preocupações de Antônio, pela sua vida e pela sobrevivência de sua família, tenham falado alto na sua mente; e isto, ao ponto de ele relevar os receios que sentia do ridículo, que até então estavam bloqueando a comunicação do episódio, à sua comunidade e à sua esposa. Assim, naquela noite de sexta-feira, de vômitos e diarréia, Antônio resolveu relatar à esposa a sua experiência ufológica; ela foi a primeira pessoa a saber do assunto.

CIPEX e GENA
2004

Procuramos dar estas explicações ao leitor, para que mais bem se possa avaliar a opinião de outras pessoas que não foram informadas de todos esses detalhes, como, por exemplo, o médico da empresa.

Posteriormente, dentro das possibilidades da psicologia aplicada, gostaríamos de ver abordado este assunto, assim como a significação do impacto na mente de Antônio, naquela noite de sexta-feira.

Do nosso ponto de vista, houve uma estreita relação mental entre o acontecimento daquela sexta-feira (30/09/77) e o episódio propriamente dito ocorrido aproximadamente duas semanas antes (quinta-feira, dia 19/09/77). Entendemos então que isto fez submergir (desaparecer? diminuir?) na mente de Antônio o intervalo relativamente calmo entre as duas datas (ele sofria apenas de algumas dores no ombro e no tórax). Assim, mentalmente Antônio adiantou o fato acontecido no disco voador: em vez de quinta-feira dia 15/9, ele menciona quinta-feira dia 29/9. Isto porque, esta última data (29/09/ é a mais próxima da sexta-feira dia 30/09 ("noite dos acontecimentos previstos" nas projeções dentro da nave).

Entretanto, outro intenso quadro patológico manifestou-se em Antônio 72 horas depois, na segunda-feira dia 3/10/77. Talvez tenha esse fato acentuado mais ainda o funcionamento do hipotético esquema psicológico por nós aqui proposto.

OBS.: Outra causa para o estranho comportamento de Antônio, na coordenação da sua memória, poderia ser uma certa "modificação de sua personalidade" pós-episódio ufológico, ao exemplo do que se descreveu no Boletim SBEDV nº 74/79 - pág. 28.

Num indivíduo, a personalidade é formada pela soma das absorções de suas experiências com o mundo externo e ainda cinzelada pelo gravame que ele dá a elas. Daí, talvez se possa concluir que o efeito da experiência ufológica sobre Antônio tenha sido de tal intensidade que chegou até a afrouxar o arcabouço da sua personalidade. Constatamos que a testemunha é pessoa inteligente mas, até então, das mais despretenciosas. Poder-se-ia entretanto conceber que, no decorrer dos meses, nela surgisse um certo "vedetismo", ainda que não tenha havido logo modificações profundas perceptíveis. Tudo isto, como conseqüência de ter vivido uma experiência traumática, mas nem por isto ordinária. Poderíamos também explicar porque Antônio não voltou ao trabalho, meses após o seu episódio ufológico, mesmo tendo sempre sido um funcionário exemplar (trabalhando cerca de 12 horas diariamente). É concebível que após a experiência traumática a testemunha tenha sido psicológicamente levado a fazer uma revisão do seu passado. Talvez então quisesse escolher um emprego menos cansativo que o de motorista de ônibus, por ter imaginado enxergar, em si próprio, qualidades que o capacitavam para um trabalho mais categorizado e menos extenuante.

OUTRA DRAMÁTICA MANIFESTAÇÃO PATOLÓGICA NO CORPO DE ANTÔNIO.

No sábado e domingo seguintes àquela noite de sexta-feira, 30/9, Antônio ficou em casa, extenuado.

Na segunda-feira, 3/10/77, cedinho, Antônio tomou o ônibus 689, linha Campo Grande - Méier; após uns 30 minu-

tos de viagem, esse ônibus o deixaria na Empresa Oriente, onde ele pretendia comunicar que não se sentia em condições de assumir seu trabalho.

Já durante essa curta viagem de meia hora, uma quentura e uma coceira, intensas, por todo o seu corpo, começaram a inconodar bastante a Antônio. Essa quentura foi tão intensa que, ao parar o ônibus na Estrada Campo Grande - Santíssimo, em frente à Empresa Oriente, Antônio correu diretamente para o lavatório que fica na entrada. Lá, ele procurou a torneira para mitigar seus sofrimentos, deixando cair água na cabeça, pescoço, braços, joelhos, etc. Entretanto, Antônio achou que o fluxo dessa bica já não era suficiente; assim, ele correu para os fundos da garagem, onde os carros são lavados com esquichos d'água de mangueiras. Chegando lá, tratou de tomar a mangueira das mãos de um colega que naquele momento lavava o chão. Antônio devia estar desesperado, pois dirigiu o jato dessa mangueira sobre seu corpo, molhando toda a sua roupa, camisa, paletó, calças, assim como sua carteira com todos os documentos dentro. Vendo este gesto, imcompreensível no momento, mas, solidários com ele na significação de uma emergência, outros lavadores de carros dirigiram instintivamente suas mangueiras também sobre Antônio. Esses colegas pressentiram talvez que tivesse acontecido um desastre com matéria cáustica ou que se tratava de extinguir vestígios de algum incêndio. Em seguida, houve um corre-corre e aglomeração de pessoas em torno de Antônio; alguns companheiros interpretavam o gesto de Antônio, de diversas maneiras: "La Rubia! O que está acontecendo?", "Você está maluco?", "Está com alergia?".

Antônio acabou falando "em particular" com o encarregado geral do serviço, Sr. Edgar. Pela fisionomia deste senhor, ele não deu crédito (pelo menos, assim pareceu a Antônio) ao episódio que Antônio lhe contou, a respeito de um disco voador, sua tripulação e de seus padecimentos como conseqüência disso tudo.

A seguir, Antônio foi levado a uma sala, foi atendido pela enfermeira da empresa, de nome Estelita; esta senhora queria ministrar-lhe uma injeção. Antônio recusou essa injeção, argumentando que não precisava de tranqüilizantes para dormir, pois não estava maluco; ele queria apenas que ouvissem a sua história e achassem um meio para mitigar seus sofrimentos.

Antônio relatou-nos que a enfermeira tomou-lhe a temperatura axilar duas vezes em seguida; uma vez, o termômetro teria acusado 41 graus Celsius e, da outra vez, teria acusado 40 graus.

"Rapaz, vá para o hospital!" foi o consenso geral das pessoas presentes naquele momento no recinto, com respeito a Antônio. E, de fato, acompanhado por Estelita e por um colega, Antônio foi levado para o conceituado hospital municipal Rocha Faria; esse hospital fica situado bem no centro de Campo Grande e, assim, talvez a uns 10 minutos de ônibus distante da Empresa Oriente, em Santíssimo.

CIPEX e GENA
2004

A IMPOTÊNCIA DA MEDICINA CONTEMPORÂNEA FACE A DISTÚRBIOS PROVOCADOS POR CAMPOS ENERGÉTICOS EXTRATERRESTRES.

A melhoria no atendimento médico de distúrbios da ordem dos que Antônio era portador só poderá ser conseguida de uma forma. Será quando a realidade da existência dos extraterrestres for aceita oficialmente e encetarem-se estudos dos campos energéticos com os quais esses extraterrestres costumam se cercar. Logicamente, não poderá haver estudo de determinada matéria cuja existência se nega (oficialmente) até hoje.

A odisséia de Antônio no hospital que o atendeu começou com um investigador de polícia que escutou sua história; depois, foi a vez de um soldado que também ouviu a narração; a este, seguiu-se outro policial que, na hora da troca da equipe de plantão, substituiu o anterior. E esse desfile de pessoas foi aumentado depois por enfermeiros e enfermeiras do hospital. A todas essas pessoas Antônio foi obrigado a contar sua história; vez por outra, um ouvinte piscava o olho para outro e pouco entenderam da narrativa de Antônio.

Finalmente, após um cochicho entre um médico e uma enfermeira (pelo menos, foi assim que Antônio interpretou, desconfiadamente, a troca de idéias entre os dois), foi administrada uma beberagem a Antônio; ele acredita que essa bebida era um calmante.

Entre uma e outra abordagem por todas essas pessoas no hospital, Antônio foi também entrevistado pelo repór-

ter do jornal "O Dia", que estava de plantão. Essa entrevista foi publicada nesse jornal, no dia seguinte, 4/10 / /77. Embora não tenha fixado com exatidão todo o episódio ufológico, essa entrevista de Antônio serviu de base para uma reportagem que é para nós um verdadeiro tento na história ufológica brasileira. Ela será descrita mais adiante, em um trecho que nos parece mais apropriado.

A OPINIÃO DE UMA PSICÓLOGA

Antônio achou que seria melhor voltar à empresa onde trabalhava e consultar o médico desta. Esse profissional já o conhecia e daria então mais crédito e atenção ao seu relato. Antônio percebia que havia mais interesse pelo sensacionalismo de sua história do que a intenção de ajudá-lo a diagnosticar e curar o seu mal.

OBS. da SBEDV.: Parece que não foi feito o boletim de atendimento do caso de Antônio, no Hospital Rocha Faria. Isto porque, posteriormente, procuramos esse registro e não o encontramos nesse hospital.

CIPEX e GENA
2004

De volta do hospital, Antônio chegou à Empresa Oriente às 9h. Entretanto, o médico não se encontrava lá naquele momento.

Assim, Antônio foi atendido pela psicóloga da organização, Dª. Nelli Carbonell. Esta moça interrompeu uma reunião que fazia com outras pessoas, para dedicar sua atenção a Antônio, cujo caso lhe pareceu da maior emergência.

Este pesquisador ficou grato a essa jovem, mas segura, profissional, não só pelo cortez e correto atendimento que deu à pesquisa, mas também pelo seu bom senso e certeira rapidez com que diagnosticou o caso de Antônio, naquele dia; para ela, a história do motorista era real, não se tratando de um embuste. A jovem achava que realmente devia ter acontecido alguma coisa grave a Antônio, já que naquele época ele desconhecia a verdadeira extensão do problema dos extraterrestres.

Conforme nos relatou Dª. Nelli, em 20/10/77, na ocasião Antônio encontrava-se com o mesmo aspecto que apresentara no Hospital Rocha Faria, conforme já descrevemos. Enquanto falava, ele se coçava constantemente, por sentir a pele em fogo. Talvez mesmo em conseqüência disso, apresentava arranhões nas partes desnudas, lado direito do pescoço e um dos cotovelos. Na oportunidade, Dª. Nelli soube que a roupa molhada, de Antônio, originava-se da aplicação dos jatos d'água das mangueiras, na garagem, duas horas antes.

A psicóloga sentia que o relato de Antônio merecia crédito. Sua história correspondia àquilo já narrado pela enfermeira Estelita e por outras pessoas da garagem. Antônio descrevia os fatos com nexo. Embora se apresentasse nervoso e agitado, em nada o motorista demonstrava confusão mental; algo de real devia ter acontecido a ele.

Por ser empregada nova na firma, Dª. Nelli fez posteriormente um total levantamento da vida pregressa de Antônio naquela empresa. Trabalhando na organização desde 1975, na ficha limpa de Antônio constava ser ele um homem trabalhador e benquisto pelos companheiros; além disso, ele havia recebido gratificação ou empréstimo da firma, por seu comportamento no passado. No decorrer do tempo, Dª. Nelli ainda submeteu Antônio aos testes de Rorschach (controle dinâmico) dos quais a parte interpretada foi "normal".

No dia seguinte, 4/10/77, Antônio procurou o médico da empresa, Dr. Adão Maria Filho. Diante do relato do episódio ufológico, esse médico disse a Antônio as seguintes palavras: "Antônio, depois de contar a sua história, ela morre aqui, entre mim e você...". Naturalmente, ele não disse isto com o intuito de intimidar ou levar Antônio ao silêncio; em nosso entender, essas palavras foram ditas para colocar Antônio mais à vontade.

VISITA A UM CONSULTÓRIO MÉDICO

Em 16/11/77, fizemos uma curta visita ao Dr. Adão Maria Filho. Nessa ocasião, este ilustre colega informou-nos que, no dia da consulta, 4/10/77, Antônio havia acusado uma temperatura axilar de 37,5 graus Celsius. (OBS.: Presumindo-se que a temperatura corporal, ou sublingual , fosse meio grau maior que a axilar, isso corresponderia a uma temperatura corporal de 38 graus, possivelmente. Na véspera, na ausência do médico, a enfermeira Estelita ha-

via tomado a temperatura de Antônio; o resultado teria sido 40 e 41 graus).

Entretanto, quando Antônio procurou o Dr. Adão, duas semanas antes, e deste recebera o abono dos dias de faltas, ele não informou ao médico (nem a outras pessoas) a verdadeira causa das dores no ombro e no tórax: foi o episódio ufológico. Desta maneira, este facultativo continuou a achar (e disso nos cientificou) que as licenças de Antônio (21,23,24/9, pela empresa e 20, 22/9, pelo INPS), tiradas na última quinta-feira de setembro, nada teriam a ver com o episódio ufológico propriamente dito. Uma vez que nem Antônio nem o médico tocaram mais no assunto, não houve retificação da opinião do facultativo. Para o Dr. Adão, o episódio ufológico teria acontecido em data posterior às licenças mencionadas, ou seja, no dia 29/9/77 (última quinta-feira do mês de setembro).

Já em duas ocasiões anteriores (em 19/10/77 e em 31/10/77), havíamos indagado à enfermeira da empresa de transporte, sobre a temperatura axilar de Antônio, que esta profissional havia verificado em 3/10/77. Este dia foi aquela segunda-feira em que Antônio, espavorido, com o corpo a lhe parecer em fogo, mesmo vestido, pediu que os lavadores de carro dirigissem os esguichos d'água sobre sua pele. Nesta data, o termômetro teria acusado uma temperatura entre 40 e 42 graus em Antônio. Entretanto, a enfermeira Estelita sempre recusara nos confirmar isso, com evasivas tais como a de não querer "envolver-se em assunto disco voador"; para outros, ela alegava que "o seu marido não gostava que ela desse informações" e que "não queria passar pelo ridículo, na empresa onde trabalhava...". Tais alegações pareciam estereotipadas. Em todo caso, em 19/10/77 essa enfermeira nos confirmou que o corpo de Antônio, na ocasião, "estava quente e com a pele muito vermelha"...

No dia em que visitamos o Dr. Adão, pela terceira vez indagamos a Dª Estelita qual a temperatura que ela constatara em Antônio, em 3/10/77. Também foi em vão esta última tentativa que fizemos, momentos antes de entrar no gabinete do médico.

Na entrevista com o Dr. Adão, interrogamos sobre a temperatura que ele próprio havia constatado em Antônio, no dia 4/10/77. Com isto, imaginamos que automaticamente viria à baila a temperatura de Antônio verificada pela enfermeira Estelita no dia anterior; além disso, o jornal "O Dia" havia publicado naquela mesma data, 4/10/77, e com grande estardalhaço, a temperatura de mais de 40 graus supostamente verificada em Antônio no dia anterior.

Entretanto, o Dr. Adão não tocou neste assunto. De nossa parte, achamos de bom alvitre não abordá-lo tampouco; isto, para não melindrar a enfermeira, que talvez estivesse sujeita a alguma pressão emanada de fonte superior (por exemplo: do seu marido? do médico? da empresa?). Por outro lado, temos grande estima pelo testemunho do profissional da medicina.

"A posteriori", achamos exquisita a atitude da enfermeira Estelita, ao nos introduzir no consultório do Dr. Adão. É que, insistentemente, esta enfermeira nos fez saber que ela não havia informado previamente, ao médico, sobre a finalidade da nossa visita; aliás, nós havíamos pedido expressamente a ela que o avisasse do nosso motivo.

CIPEX e GENA
2004

UM REPORTER ALERTA

Nossa visita ao Dr. Adão não havia sido satisfatória no sentido de esclarecer a temperatura de Antônio no dia em que este foi socorrido no Hospital Rocha Faria. Assim, nada mais natural que fôssemos ouvir o relato da própria boca do repórter Orlando Alheira, que havia originado a notícia "Uma hora preso no disco voador, saiu com febre de 42 graus", publicada em "O Dia" de 4/10/77.

Encontramos o repórter em seu posto de ação, no mencionado hospital. Embora com um rosto de bonomia, o cenho cerrado e o rápido olhar prescrutador sob a larga fronte deixaram perceber de imediato neste repórter um profissional inteligente, armado e alerta. Além disso, trazia ele um lastro de 30 anos de profissão, como soubemos depois.

Quando abordado por nós em 23/11/77, o Sr. Alheira lembrou-se logo do "moço do disco", o qual havia entrevistado naquela época, no Hospital Rocha Faria; e, como se sabe, dessa entrevista resultou a reportagem publicada no dia seguinte, 4/10/77, no jornal "O Dia".

O Sr. Alheira relatou-nos que Antônio encontrava-se em estado lastimável, com excitação psicomotora; o entrevistado chegou até a jogar o lápis ao chão, quando não

conseguiu se desencumbir de desenhar o tipo dos tripulantes vistos no disco voador, conforme havia lhe pedido o repórter. Ao narrar isto, o repórter virou-se rapidamente para nós e repetiu o pedido que fizera a Antônio; solicitou-nos que desenhássemos o tipo do ufonauta que Antônio avistara. Parece que tal pedido tinha a intenção de testar o nosso verdadeiro interesse e capacidade sobre o assunto Ufo. Satisfeito com o nosso desempenho, o jornalista abriu-se por completo. Relatou-nos cena deveras impressionante sobre o estado em que encontrou Antônio naquela manhã da entrevista. O motorista estava todo descabelado, completamente molhado, com o busto nu e trazia as calças arregaçadas; as partes expostas, de seu corpo, apresentavam manchas vermelhas, como, por exemplo, no pescoço, tronco e membros inferiores. Nestas partes do corpo, Antônio procurava coçar-se constantemente. Complementando esta descrição, o Sr. Alheira fez um croqui, publicado neste relatório.

O repórter observou ainda que, durante o relato de seu episódio ufológico e estada no hospital, Antônio constantemente pedia e tomava água.

OBS. da SBEDV.: Acreditamos que, bebendo muita água e expondo-se às correntes de ar, Antônio fazia instintivamente a coisa acertada; isto porque o suor que abundantemente se produzia nele ajudava-o a reduzir a sua temperatura corporal, talvez perigosamente alta. Além disso, os jatos d'água, atirados em Antônio pelos seus colegas, teriam realizado a mesma tarefa: baixar a temperatura de seu corpo.

Convencido de que Antônio teria uma experiência aterrorizante que o deixara naquele estado lastimável, o repórter encaminhou seu relatório ao jornal para o qual trabalhava. Com isto, democraticamente ele poderia informar ao público sobre o inquietante acontecimento.

Não fora essa atitude de Alheira e a conseqüente reportagem de "O Dia" de 4/10/77, e o leitor deste Boletim nada saberia agora sobre este interessante caso ufológico. O Sr. Alheira também nos informou que posteriormente, em várias oportunidades, viajou em ônibus dirigido por Antônio com muita perícia e urbanidade. Em troca às informações recebidas, falamos um pouco, ao repórter, sobre a impiedosa luta de quase trinta anos movida pela política terrestre contra o assunto UFO.

Além disso, acreditamos que poderemos trazer a Antônio algum conforto moral e psicológico, pela divulgação de seu caso. Com isto, achamos que talvez o ajudemos a sobrepujar o traumatismo psíquico que lhe foi inflingido pela experiência por que passou. Passados seis meses desde o episódio ufológico, já em fins de março e abril de 1978, Antônio ainda padecia de seus efeitos.

CIPEX e GENA
2004

ALGUNS EXAMES COMPLEMENTARES

Foram retiradas amostras do sangue de Antônio. Nelas procurava-se descobrir eventuais modificações, possivelmente relacionadas ao seu episódio; talvez isto permitisse interpretar melhor os padecimentos do protagonista, no sentido de eventualmente neutralizá-los. Entretanto, esses exames foram feitos somente a partir do 33º dia após o fato ufológico e, assim, resultaram talvez de pequena valia.

Dessa forma, em 18/10/77, foram determinados os elementos figurados do sangue de Antônio, bem como escórias, níveis de glicemia, proteína (serina globulina) e colesterol. Em 24/10/77, foram pesquisados os eletrólitos: cloro, potássio, sódio e ainda o iodo protéico. Em 5/11/77, realizaram-se exames para evidenciar o relacionamento da função tíreo-hipofisária pelos radio-imuno-ensaios T_3, T_4 e T_{41}. Nada de anormal foi evidenciado em qualquer uma das amostras examinadas.

O peso normal de Antônio, antes do episódio ufológico, era de aproximadamente 62 kg. Pouco depois do episódio, passou para cerca de 57 kg e atualmente está em torno de uns 60 kg.

Realmente, pelo aspecto que encontramos na testemunha, poucos dias após o episódio, achamos que houve um acentuado emagrecimento.

COMENTÁRIO

Acreditamos que o Dr. Orlandino Fonseca (Ortopedia

do Hospital da Cruz Vermelha) tenha sido o primeiro médico, entre nós, a pedir exames complementares em testemunha de episódio ufológico. Nesse caso, a testemunha foi Almiro Martins de Freitas, um vigia da Represa Hidroelétrica do Funil (Agulhas Negras, RJ), que sofreu uma cegueira temporária, de ordem psicogênico-fisiológica(?). A cura de Almiro foi obtida por meio de hipnose (Dr. Orlandino).

Os exames complementares (e oftalmológicos) nesse paciente foram os normais (leia-se o Bol. SBEDV Nº 74/79, pág. 24). Entretanto, urge que a sociedade médica se conscientize da realidade ufológica e dê melhor atenção ao assunto. O desconhecimento dessa matéria, pelos médicos, veio à tona em uma reunião da Sociedade de Hipnose (em 20/11/70), à qual assistimos como convidados. Nessa ocasião, fomos solicitados a expor nossa impressão sobre o caso, como pesquisador ufologista. Em resposta, explicamos à douta assembléia que a empresa Furnas Centrais Elétricas S.A. (a qual pertence a Hidroelétrica do Funil) nos proibiu pesquisar, como ufologista, "in loco" (nos seria permitido entrar, mas desde que não tratássemos do assunto Disco Voador!...). Nossas pesquisas visavam às modificações havidas na estrutura de uma placa de cimento sobre a qual o objeto voador teria estado, no instante em que foi alvejado pelos tiros do guarda Almiro. Realmente, houve modificações nessa placa de cimento, conforme foi noticiado no exterior (leia-se o Bol. SBEDV nº 85/89, pág. 45). Além disso, o próprio coronel chefe da segurança daquela empresa, presente naquela reunião, afirmou adicionalmente que haviam sido vistas luzes voadores nas vizinhanças do local e aproximadamente na mesma hora e data do evento ufológico de Funil. Mesmo assim, talvez por "preconceito", houve o que nos pareceu um consenso geral, entre os médicos, de que a testemunha Almiro não tinha vivido o episódio ufológico; esse guarda teria apenas sido vítima de uma alucinação.

Aliás, os cabeçalhos do jornal "Última Hora", do do Rio de Janeiro, naquela época – "Isolada a vítima"... "Vítima depõe em sigilo"... "Interditada a área de pouso do disco" – indicavam nitidamente a presença do sigilo e que havia uma tendência a silenciar e despistar sobre o caso.

Em um outro caso, o de Onilson Patero, em outra ocasião, houve outro comportamento, pelo menos no que tange ao seu primeiro encontro ufológico. Os exames de laboratório, feitos nessa testemunha pelo Dr. Max Berezovski (São Paulo), em louvável atitude foram postos à disposição dos colegas ufologistas, no caso, a SBEDV (leia-se o Bol. SBEDV nº 94/98, pág. 37). Naquela época, pensando numa padronização dos exames médicos a serem feitos em pacientes ufológicos, edealizamos ainda um roteiro neste sentido (leia-se o Bol. SBEDV nº 94/98, pág. 28 e 29).

Além disso gostaríamos de citar aqui o caso de Dirceu Góes, testemunha residente em Sarandi, Rio Grande do Sul. Esta pessoa viajou aproximadamente oito horas em um disco voador e, a seguir, sofreu uma enterite. Este seu mal durou cerca de oito dias e não apenas uma noite, como no caso de Antônio La Rubia. Por uma comunicação verbal do Prof. Húlvio B. Aleixo, do CICOANI, (de Belo Horizonte) soubemos também de um caso de enterite pós-ufológica, observado em Minas Gerais. Seria interessante, por meio de campos magnéticos intensos, procurar reproduzir em animais de laboratório alguns dos sintomas observados em Antônio, ou em outras testemunhas ufológicas. Assim, poder-se-ia talvez deduzir, no futuro, qual a natureza de algumas das energias atuantes perto dos discos voadores.

CIPEX e GENA
2004

FIGURAS EXPLICATIVAS

Acompanham o texto as seguintes figuras explicativas:

Fig. 6 A 8 – Desenhos de cenas do episódio, mostrando ufonauta e pormenores dos braços, cabeça, mesinha e "seringa".
6 A – feito pela testemunha; 6 B, 7 e 8 – desenhos falados, feitos pelo desenhista Tircis. Em 7 : Antônio atrás da mesa de projeção. Em 8 : A cena da "sangria" e detalhes dos correspondentes desenhos na tela.

Fig. 9 – O morro de Santa Eugênia, visto da praça "ponto Chique"

Fig. 10 A e 10 B - Vista panorâmica do morro, observado pela varanda casa de Antônio.

Ao sul "S", o morro Santa Eugênia.

Fig. 11 - A família de Antônio, na varanda de sua casa.

Fig. 12 - Mapa da região. Em 1 : local do seqüestro. Em 2 : local da aterrisagem. Em 3 : direção do Rio de Janeiro. Em 4 : direção do local de trabalho de Antônio.

Figs. 13 a 15 - Pesquisa do Sr. Orlando Alheira. Em 13 : Sr. Orlando Alheira. Em 14 : localização dos eritemas de Antônio, segundo croquis do Sr. Alheira. Em 15 : reportagem pictorial de "O Dia" (4/10/77), sobre o episódio.

Figs. 16 a 20 - Locais do seqüestro e da aterrisagem da testemunha.

Em 16 : local do seqüestro; "S" - numa visão oeste-leste da Rua Monte Carlos; seta branca em "A" - local de onde Celso presenciou o disco voador em vôo. Em 17 : Vista aérea; Em 17 A : local do seqüestro - "S"; localização de Celso - "T".

Em 17-B: local da descida de Antônio - "D". Em 18 : Desenho falado, feito pelo Sr. Tircis - reconstituição gráfica do seqüestro; na parte de baixo, o perfil do disco. Em 19 : reconstituição do seqüestro, com Antônio de costas e um dos ufonautas representado por outra pessoa. Em 20 : foto panorâmica: à direita, a Estrada de Santa Eugênia; à esquerda, a rua Rosal e o local da descida (Seta em "D").

CIPEX e GENA
2004

IIIª PARTE – COMENTÁRIOS

A) OS UFONAUTAS VISTOS POR ANTÔNIO

Considerando o tipo dos ufonautas aqui tratados, observamos que ele não se acha representado entre os quarenta casos de tripulantes extraterrestres focalizados na "Coletânea" do Bol. Especial de 1975, da SBEDV. Naquela coleção, todos os tipos de ufonautas pertenciam a dois grupos somente. Um desses grupos apresenta aspecto humano (terrestre); o outro grupo tem aspecto semelhante ao humano, sendo por nós denominado "humanóide".

É verdade que os extraterrestres avistados em Paciência demonstraram uma aproximação "forçada" com relação a Antônio; e esse comportamento foi idêntico ao de de uma série de nove casos da "Coletânea", aí representados pelo grupo nº 4 de ufonautas (os outros grupos, focalizados pela "Coletânea", são: nº 1 - ufonautas vistos à distância; nº 2 - ufonautas em aproximação amistosa; nº 3 - casos de pânico e fuga).

Para fazer constar em outras e futuras compilações o tipo de extraterrestres vistos em Paciência, devemos alargar a nossa chave de classificação "humano/humanóide", para "evolutiva do homem". Esta foi idealizada por Karl König e Kayser e encontra-se explicada na página 75 da "Coletânea". Dentre outros tipos, consta ainda nessa classificação o "homem-pássaro" (seria, por exemplo, o tipo descrito por Luiz do Rosário Real e Lucy Gerlach Real, em Pelotas, RS, e publicado no Bol. SBEDV nº 112/115, pág. 19). Outra espécie aí estudada seria a do "homem mineral" (representado, por exemplo, pelo tipo retangular, aparecido em Joinvile, SC, e descrito por Carlos Varassin, tendo sido isto publicado no Bol. SBEDV nº 94/98, pág. 41). Este último tipo apresentava forma puramente geométrica e era também chamado de "esdrúxulo" (por nós, humanos). De le, dizemos ainda, na pág. 48 item 4, do mesmo boletim:

> "As "formas geométricas", atuantes e pensantes, vistas pelas testemunhas, poderiam ser uma espécie de teleguiados, altamente sofisticados. Seriam telecontrolados "instantaneamente", também nas suas conversas, a partir de um DV nas proximidades. ...."

Será que, no caso de Antônio, os ufonautas eram deste tipo? Seriam ali os "tripulantes" meros teleguiados a partir da cúpula do disco voador, situada (provavelmente) acima do salão em que se achava Antônio?

Outra hipótese (externada no item 3, na mesma página do Bol. 94/98) seria a dos tripulantes usando invólucros com o objetivo de proteção própria (conforme a cara-

CIPEX e GENA
2004

Biblioteca Pública do Paraná
Divisão de Periódicos
Sala de Periódicos

paça do caracol, que protege a lesma), escondendo assim a sua verdadeira forma.

Em suma, voltando a considerar a classificação do tipo dos ufonautas vistos em Paciência, opinamos que ele não seria humano e nem humanóide. Esta espécie de ufonauta não possuía cabeça como nós a entendemos; seu corpo apresentava cintura fina entre cabeça e tronco, o que impediria uma comunicação entre estas duas partes; nos humanos e humanóides, essa comunicação é garantida pelo pescoço. Outrossim, o "unipé" do ufonauta de Paciência mais parecia uma peça ortopédica, fruto de uma avançada tecnologia de transporte. Porém, de outro lado, o enchimento e esvaziamento periódicos do tronco, semelhantes aos nossos movimentos respiratórios, sugerem que os extraterrestres de Paciência consumiam um gás presente no disco voador. Aliás, esse gás era também respirado por Antônio, embora deixando a desejar, pois a testemunha sentia-se abafada e sua respiração era arquejante.

Com relação à rapidez e coordenação nas ações, estes tripulantes não poderiam ser robôs ou teleguiados (pelo menos, dentro daquilo que atualmente nós terrestres podemos entender como tal). Ao nosso ver, eles possuiam mais inteligência do que nós ou, então, usavam-na com mais perfeição que nós. Aliás, em boletins anteriores citamos tese de um clérigo norte-americano, da Califórnia, segundo a qual a diferença da inteligência entre um extraterrestre e um indivíduo da Terra poderia ser tão grande como aquela existente entre nós e o nosso cachorro. Além disso, a favor dessa tese fala a incapacidade para atender o sentido que tinham as imagens mostradas a Antônio.

Também, em outros boletins nossos (Bol. SBEDV nº 55/59, pág. 13, 1962; Bol. 99/103, pág. 12), apontamos a possibilidade que haveria, de serem monitorizados por extraterrestres, os momentos de contato com testemunhas terrestres. Posteriormente, o comportamento dessas testemunhas seria acompanhado pelos ufonautas: este, acompanhamento incluiria as reações dos indivíduos contactados, bem como seu relacionamento com outras pessoas às quais eventualmente relatassem a experiência vivida.

Essa possibilidade foi mencionada pelo grande ufólogo George Adamski, há 22 anos. Recentemente, essa teoria foi redescoberta por aqueles que sempre combateram George Adamski ou, pelo menos, silenciaram sobre ele. Assim, essa tese é admitida no recente livro "Encounters with Ufo Occupants" (Jim e Coral Lorenzen), na pág. 283 (segundo J. Randles - Mufon Journal 114).

Outrossim, a compreensão e a classificação dos ex-extraterrestres de Antônio seria mais fácil se os círculos ufológicos chamados "confidenciais" não tivessem cultivado o silêncio e o despistamento dessa matéria, no mundo inteiro. Tais círculos têm sonegado muitas vezes dados necessários a um melhor esclarecimento de casos difíceis como esse dos ufonautas de Paciência.

Dessa forma, por enquanto, só nos resta focalizar aqui algumas facetas do caso, como as dos seguintes itens: B) A invisibilidade e/ou transparência de paredes; C) A supressão de sons; D) A destruição da imagem de um animal, e seu possível significado; E) A possibilidade que estranhos teriam para controlar o movimento de pessoa em estado consciente; F) Instruções por meio de imagens projetadas; G) O desaparecimento de um ufonauta.

B) A INVISIBILIDADE E/OU TRANSPARÊNCIA DE PAREDES

No seu livro "Em um DV Visitei outro Planeta", o nosso patrício Antônio Rossi descreve jaulas individuais de paredes transparentes e elásticas, que havia visto em um hospital para alienados, em um outro planeta. O próprio autor, por sugestão de seu cicerone, Dr. Jensle, deixou-se encerrar experimentalmente numa dessas "bolhas". Nessa experiência, ele pôde observar que, além de impedir a fuga, as paredes elásticas evitavam que o prisioneiro se machucasse ao bater de encontro a elas.

Antes de Rossi, em 1956, já Marcílio Braga de Godói havia nos relatado verbalmente um fato ocorrido em 1954 dentro de um disco voador que chegou a visitar. Havia uma parede circular no interior desse disco voador e, de um momento para o outro, ela deixou de existir. Com isso, ficou visível certo número de tripulantes de cuja existência e trabalho Marcílio não havia até então suspeitado.

Além disso, no boletim anterior (nº 116/120, pág. 16), citou-se a tese do médico espanhol Francisco Júlio Padrón León. Falando a respeito do gigantesco disco voador que avistara na ilha Gran Canária, o Dr. León acredi-

CIPEX e GENA
2004

ta que as paredes desse aparelho tinham natureza magnética, pois eram perfeitamente transparentes.

Aliás, o "Tokamak", vasilhame de ensaios da fusão de hidrogênio, tem suas paredes constituídas de fortíssimos campos magnéticos; isto, porque qualquer outro material fundir-se-ia pela ação das elevadas temperaturas, de milhões de graus Celsius, apresentadas pelos gases que esse recipiente contém.

C) A SUPRESSÃO DE SONS

"Repentinamente, cessou na floresta o canto da cigarra, o murmúrio das folhas e o ruído das águas do rio.". Isto foi relatado, por dois caçadores de jacaré no rio Pardo, ao ufólogo e pintor paulistano R. Kiener, já falecido (leia-se o Bol. SBEDV nº 51/53, pág. 12). Esses caçadores referiam-se à chegada de um disco voador, com um diâmetro aproximado de 60 m, que parou a cerca de 100 m de distância, na outra margem do rio mencionado.

O fenômeno do silenciamento começou propriamente quando o disco voador projetou para fora de sua superfície inferior um cone de luz com aproximadamente 40 m de altura e tendo uns 5 m no diâmetro da base. Um terceiro companheiro dos caçadores, que havia preferido ficar à distância, na barraca, também notou o estranho, repentino e "chocante silêncio na floresta".

Não há dúvida de que os ufonautas de Paciência eram ultra-sensíveis a ruídos. A prova foi a sua derrubada ao chão, quando Antônio conseguiu soltar uns gritos. Talvez, daí a razão de eles quererem cultivar o máximo de silêncio. É provável que, para os estraterrestres de Paciência, o ruído apresenta o mesmo significado que a eletricidade tem para nós. Quem sabe lá se a nossa mecânica, dos veículos de rodas, é, entre esses extraterrestres, substituída pelo ruído? Quem sabe lá se existem outros seres no Universo que usam, ao invés disso, a força da luz, do magnetismo, etc.?

D) A DESTRUIÇÃO DA IMAGEM DE UM ANIMAL E SEU POSSÍVEL SIGNIFICADO.

Em vista da sensibilidade que os ufonautas de Paciência apresentaram ao ruído, achamos possível a sua destruição através de sons, que neste caso concreto seriam representados pelos fortes latidos de um cachorro. Parece que é este o significado que teve a projeção vista por Antônio no interior do disco voador.

Quanto ao socorro posterior ao companheiro, prestado por ufonauta do recinto, que destruiu a imagem do cachorro na tela, com o raio de luz, tentaremos dar-lhe uma explicação. Como 1ª hipótese, esse fato poderia ser interpretado como sendo uma encenação representada pelos ufonautas. Como 2ª hipótese, teríamos o seguinte: Existiria no exterior (em terra firme) um cachorro cuja imagem estaria sendo transmitida para a tela dentro da nave. Quando o ufonauta dirigiu o raio destruidor sobre a imagem do cachorro, na tela, teria havido uma realimentação ("feed-back") energética, de tal modo que a ação se fez sentir realmente sobre o cachorro, em terra. Esta cena verdadeira então seria transmitida pelo processo normal, para a tela, onde surgiu. Em aparência, tudo se teria passado como se o raio luminoso tivesse destruído a imagem diretamente (mas, na realidade, teria destruído materialmente, o cachorro, também).

Esta interpretação parece-nos válida, embora esteja acima das nossas atuais possibilidades de tecnologia terrestre.

Outra alternativa de interpretação seria considerar o todo como uma farsa. O ufonauta conheceria de antemão a cena que seria projetada na tela, um "enlatado", uma "gravação preparada". Assim, ele agiria, ou melhor, fingiria agir, no momento indicado na projeção. Na hora certa, ele simularia a exterminação do cachorro, com o raio de luz.

Entretanto, para nós, esta hipótese parece inverossímil; ela foi citada aqui apenas como uma remota possibilidade.

E) A POSSIBILIDADE DE ESTRANHOS CONTROLAREM O MOVIMENTO DE PESSOA EM ESTADO CONSCIENTE.

É sabido que uma pessoa em sono hipnótico, e assim em subconsciência, executa quase todas as ordens e todos os movimentos sugeridos a ela pelo seu hipnotizador. Este, porém, não é o caso dos episódios ufológicos relatados a seguir, cujas testemunhas encontravam-se em pleno estado de consciência.

Em nosso boletim anterior (nº 116/120, pág. 7), abordamos o episódio vivido pelo estudante Paulo Coutinho, de Aricanduva, São Paulo. Inicialmente, Paulo ficou imobilizado; e depois, aparentemente contra a sua própria vontade, recobrou alguns de seus movimentos, para ir em direção ao ufonauta, acabando por colocar-se lado a lado com ele e ambos iniciarem a ascensão à nave espacial.

Fato semelhante observamos no episódio de Paciência. Antônio estende o braço, a mão e o indicador direito para, da ponta do dedo, ser retirada supostamente uma amostra do seu sangue. Tudo isso foi feito contra a vontade da testemunha, que se debatia dentro da jaula invisível, com os seus outros membros ainda livres.

Ignoramos a maneira como é conseguido o controle, mesmo parcial, dos movimentos de uma pessoa em estado consciente(?).

CIPEX e GENA
2004

F) INSTRUÇÕES POR MEIO DE IMAGENS PROJETADAS

Embora não entendesse o propósito da maioria nas projeções que lhe foram mostradas, Antônio conseguiu interpretar posteriormente duas daquelas cenas.

Numa dessas projeções, Antônio via-se com fumaça a sair de suas costas. No outro quadro, ele parecia estar sofrendo de forte diarréia. Segundo Antônio, tais cenas previam, com uma antecedência de horas e dias, situações e padecimentos que lhe sucederam (dores no torax e no ombro; vômito e diarréia). O que o deixou mais cismado foi o temor de que, por analogia, alguma daquelas projeções, como a do cachorro, encerrasse igualmente grave previsão.

Temos a impressão de que tais suspeitas, possivelmente ao nível do subconsciente, causaram a Antônio as noites de insônia e pesadelos de que ainda hoje ele sofre, meses após o episódio.

G) O DESAPARECIMENTO DE UM UFONAUTA

Antes de focalizar o tema relativo ao ufonauta de Paciência, gostaríamos de relembrar o Bol. SBEDV nº 85/89, págs. 37 e 38, onde foram citados casos de invisibilidade ocorrida com extraterrestres e discos voadores.

Com referência à invisibilidade apresentada por extraterrestres, mencionada no referido boletim, lembramos aqui o caso de Itabirito, MG; nesse episódio, um ufonauta se fez subitamente invisível, diante de três testemunhas a algumas dezenas de metros. (leia-se também o Bol. SBEDV nº 42/44, pág. 2). A esta categoria de casos de invisibilidade pertence também o fato acontecido com um bezerro, no Rio Grande do Sul; nesse episódio, o animal afastou-se repentinamente do seu rebanho, pelo ar, para em seguida subir verticalmente e, a certa altura, tornou-se invisível; aparentemente, o bezerro estava sendo seqüestrado por um disco voador também invisível, à espreita nas proximidades e nas alturas (leia-se também o Bol. SBEDV nº 81/84, pág. 234). Aqui, deve ser lembrada a experiência do casal Templeton, da Inglaterra; Numa fotografia da filha desse casal, via-se surpreendentemente a figura de um extraterrestre atrás da menina, a uma distância de uns 20 m; esse ufonsuta não havia sido visto na hora em que a foto foi batida (leia-se a revista inglesa F.S.R., de nov/dez 64, pág. 11).

Quanto aos engenhos extraterrestres invisíveis, citamos as fotos de uma esquadrilha de discos voadores, no morro da Urca, batidas à noite pelo fotógrafo profissional E. Stukert. Este fotógrafo e sua família, que estava ao seu lado na ocasião, não viram os discos voadores, aparentemente invisíveis ao olho humano. Lembramos ainda os dois pequenos discos voadores observados por Antônio Pau Ferro, em Garanhuns, PE; os dois aparelhos encontravam-se a uma altura de uns 30 m do chão e, durante a subida, tornaram-se gradualmente invisíveis (leia-se o Bol. SBEDV nº 54, pág. 6). Aparentemente, este foi também o caso do disco voador que desceu no morro de Mazambomba, no bairro K-11, em Nova Iguaçu, RJ; esse aparelho aterrisou e seu tamanho foi diminuindo aos olhos das testemunhas, até desaparecer completamente (leia-se o Bol. SBEDV nº 69/70, pág. 11). O mesmo fenômeno aconteceu com um disco voador, numa tarde, às 14 h aproximadamente, em Duque de Caxias, RJ, no ano de 1958 e descrito em uns dos nossos Boletins; esse aparelho foi visto pelo próprio pesquisador da SBEDV, e seu diâmetro "diminuiu" gradativamente até o completo desaparecimento.

Para completar a série, lembremos aqui ainda o caso dos caçadores do rio São Francisco, MG (leia-se Bol. SBEDV nº 45/47, pág. 10). Em local de plena visibilidade

esses caçadores perceberam que estavam sendo sobrevoados lentamente por um barulhento engenho; entretanto, não conseguiram descobrir, no céu azul e límpido, o menor traço do aparelho, o que causou forte emoção em algumas dessas testemunhas. Além disso, ainda citamos o engenho de Valensole, França; após levantar vôo, o aparelho tornou-se invisível depois de percorrer cerca de 20 m; entretanto, a uma distância de uns 100m da hipotética linha de vôo do disco voador, as folhas de uma plantação de alfazema, no solo, ondulavam, como se alguma coisa se movimentasse acima delas na altura onde supostamente o engenho deveria estar passando (leia-se a revista inglesa F.S.R., de nov/dez 65, pág. 8).

Armados com todos estes exemplos, podemos, por analogia, tirar conclusões sobre o repentino "desaparecimento" do ufonauta de Antônio.

O sumiço de um engenho tende a ser explicado como recurso de uma tecnologia extraterrestre avançada. Entretanto, no caso da invisibilidade apresentada por um ufonauta, há uma outra hipótese, além desta. No boletim anterior (nº 116/120, pág. 3), citamos técnicas da meditação "Siddhi". Talvez, no espaço, outros seres tenham alcançado o aperfeiçoamento dessas técnicas. É provável que isso os ajudasse a atingir sua nave em rápida ascensão, como no caso de Antônio. A este respeito, já citamos diversos casos de ufonautas que, em vôo individual, alcançaram seu disco voador estacionado no ar ou as portas de entrada do aparelho. (leia-se o Boletim SBEDV nºs 85/89 pág. 18 e 19).

CIPEX e GENA
2004

IVª PARTE – CONCLUSÕES RESUMIDAS

A) VALIDADE DO RELATO

Do nosso ponto de vista, o relato de Antônio é válido. Isto, não só pelo fato de o episódio ter sido confirmado por testemunho secundário de um morador da Praça Ponto Chique (o qual presenciou o levantamento de vôo do disco voador, alta madrugada). A veracidade do relato de Antônio recebeu ainda confirmação pelas manifestações de natureza fisiológica e psicológica irrompidas na própria testemunha, causadas pelo traumatismo do episódio.

B) CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DOS TRIPULANTES

Não nos aventuramos a classificar com segurança os tripulantes vistos por Antônio, sejam eles robôs, "minerais inteligentes" ou seres humanóides. Mesmo para uma classificação apenas aproximada, por ser um caso inusitado, seria necessária uma avaliação comparativa. O relato em causa deveria ser comparado com outros que versassem a respeito de tripulantes de aspecto igual ou semelhante ao daqueles vistos por Antônio.

Desconfiamos que existe esse tipo de relato. Entretanto, por esses testemunhos constituírem parte de relatórios políticos, e assim confidenciais, eles foram (e continuam sendo) sonegados à maior parte dos ufólogos e ao público. Lembremo-nos dos 85.000 relatórios catalogados no "Ufo-Cat", do Ufo-Center, de Chicago. Desses relatórios, quase nada transpirou, por eles pertencerem a uma organização política e elaborada pela Força Aérea Americana e a Rand Corporation.

Em nossas próprias publicações, procuramos sempre descrever detalhadamente os ufonautas. Nossa intenção é facilitar a outros pesquisadores comparações e compilações posteriores, com vista à existência de diversos tipos morfológicos de extraterrestres.

C) POSSÍVEL SIGNIFICAÇÃO DO EPISÓDIO DE ANTÔNIO

Em boletins anteriores (Bol. SBEDV nº 99/103, pág. 13 e 14), externamos determinada teoria: a de ser possível aos extraterrestres acompanharem os efeitos de um episódio ufológico na Terra, posteriormente; tal acompanhamento observaria, nos mínimos detalhes, a repercussão do fato ufológico em nossa sociedade (terrestre). Explicamos que isso serviria para os extraterrestres testarem as nossas comunicações, as nossas reações políticas, físicas e psicológicas diante do episódio ufológico. Na ocasião, entendemos que as civilizações extraterrestres se achassem em estágio tecnológico muito mais avançado que o da Terra.

Focalizando os trinta anos passados da ufologia mo-

derna, acreditamos que tenha significado especial o número crescente de sobrevôos, de aterrisagens e de contatos feitos pelos extraterrestres. Houve também escalada, no que se refera à audácia das incursões de discos voadores; tais investidas têm se verificado em pleno dia, outras vezes ainda em presença de várias testemunhas da comunidade terrestre (como num caso recente envolvendo soldados chilenos).

No passado, em relação às diversas raças especiais e às suas diferentes modalidades de abordagem, chegamos a comparar os extraterrestres às várias espécies de animais da fauna terrestre. Do ponto de vista ecológico, deixamos entrever que, na Terra, não há lugar somente para animais úteis (de modo perceptível imediato) ao homem, como cachorro, gato, cavalo, gado leiteiro, galinhas etc.; há lugar na Terra também para outros animais que policiam o equilíbrio ecológico, tais como cobra, lagarto, urubu etc.

Temos a idéia de que os extraterrestres que abordam a Terra nos últimos trinta anos, em ondas cada vez maiores, seja por meio de sobrevôos, aterrisagens ou contatos com a população, representam uma espécie de "polícia cósmica ecológica", em semelhança ao equilíbrio ecológico terrestre. Isto, por causa dos feitos surpreendentes, senão assustadores, que o homem terrestre vem apresentando para o Cosmos nos últimos trinta anos. O ser humano terrestre não tem somente aperfeiçoado a intercomunicação espacial através do radar; ele próprio tem conseguido penetrar na região sideral, como astronauta; além disso, pela sua capacidade tecnológica nuclear, o homem está apto a levar potencialmente com ele, para o Cosmos, a mesma destruição que já tem demonstrado poder conseguir aqui na Terra.

Há cerca de 25 anos, essa "polícia cósmica ecológica" se fazia sentir através de contatos com seres amáveis, harmoniosos e ainda anatômicamente iguais a nós, conforme aconteceu nos casos de George Adamski e de Freitas Guimarães. Ultimamente, em contraste, têm surgido tipos extraterrestres com anatomias de nós bastante afastadas, abordando as testemunhas terrestres sem condescendência, abrupta e traumaticamente. Parece que as novas raças espaciais, que nos têm visitado, nos fazem sentir a sua superioridade intelectual pelas suas reações rápidas e superhumanas.

Durante trinta anos, a política terrestre negou a existência dos extraterrestres e, até no presente, continua teimando em negar os contatos harmoniosos acontecidos no passado, conforme aqueles ocorridos com Adamski, Prof. Guimarães e Antônio Rossi. Entretanto, no presente, a política terrestre começa a admitir os novos espantosos contatos. A voz dessa política, nós a reconhecemos nos seus prepostos no campo ufológico, como o Ufo Center, Mufon etc. etc.

OBS.: O Boletin da APRO (Outubro 1977) publicou excelente pesquisa sobre o caso de Antônio, feita por Dna Irene Granchi. O "Internat. Ufo Reporter", do Ufo Center (Prof. A. Hynek, Chicago), no Vol. 2, nr. 11, publicou sobre o mesmo caso um relato inexato e truncado.

Se a branda linguagem dos espaciais, no passado, não achou ouvido na política terrestre, a nova linguagem cósmica atual, sendo mais vigorosa e evidentemente de urgência, parece ter sensibilizado os ouvidos terrestres. Achamos ter sido este o efeito desejado pelos seres espaciais.

Fazemos votos de que, dentro em breve, esta primeira e tímida abertura se deixe alargar, para, finalmente, se transformar numa "oficialização terrestre" do problema UFO, perante as nossas massas. Seria admitida, "ipso facto", a superioridade extraterrestre. Isto possibilitaria contatos Terra-Espaço, em bases mais largas, sem que essa proximidade ficasse exposta à hostilização por parte das chamadas forças "de segurança" da Terra, como tem sido até agora.

7 – ENGLISH SUMMARY

In the portugues language edited SBEDV Null. nr. 121/126, in an article about present Geo-Ufo-Cosmopolítics one calls the attention to the campaign against truth about the sightings, landings and contacts with extraterrestrials. Be it at the West, East or at UNO, proposals for the recognition of the extraterrestrials, also named "Unidentified" UFOs have allways become obstructed by politics (most recently at UNO when Grenada had made its proposal for recognition of the Ufos at UNO). It's C.I.A. and K.G.B. "Uber alles, Über alles in der Welt" (over all World). Seemingly think those paranoic mortals they are above galaxis and the Lord, also.

One reminds also the envolvement of science and scientists in such blocking manoevers putting the Ufos as celestial phenomena that of the atmosphere, the forth, fifth or forteenth dimension and "space". Scientist of our time may be envolved less with the search for truth but to please politics - right or wrong it's my country - since "the field of the Ufos is that of the Air Force by Law".

Naturally, terrestrial acientists are earthlings and so they may be motivated also by some terrestrial pride and megalomania, some trends so to overpower other individuals, nations, civilisations and other planets, fortutiously. Naturally, the reality of the superiority of the extraterrestrials is a painful reminder for conceited people without sufficient tendency for humbleness and compassion (instead of their trends of arrogance and competition). It seems that politic engaged science to hinder any a precocious awakening of the masses, so that truth remains obstructed as long as possible, so that terrestrial conceitedness and haughtiness may prevail.

This may be the purpose of the vociferous group of silencers with their vicious and vituberates attacks against witnesses that have been contacted by extraterrestrials.

But it may allready dawn in the minds of that noisy group of silencers that they may be sacrificed as " "fall guys" at the earliest signal of menace by the coming of a sort of "UFO-Gate".

Unfortunately, the politicians that hold the strings to the silence policy are hiding their faces (and identity) in the shadows, so as an iceberg hides its huge perilous base in the abyss of the ocean. This is the reason that so many Ufo research personal, after apparently a good start, suddenly came to an end with their Ufo research and its diffusion by their Bulletin, since they were not aware of the dangerous waters of ufology, full of hidden traps and intrigues, and corruption, and shake ups, thefts and frequent outright rude and coarse political pressure.

The same Bull, publishes also two reports about Flying Saucer crew members. Report nr. 1 deals with a lady in her sixtieth who, when occupied at the early hours of the day in baking cakes (for a wedding at said day), got her attention drawn upon the alarmed cries of her paraket, outside of the house, in the garden. Looking for the reason for all this, the lady observes the approach of a low flying craft, the outline of which she can't determine against the still dark night sky, but easely she distingues the luminous part on the craft, sort of a small balkony. The craft comes to a stop above the wall which encircles the garden, a few meters apart from the lady. On the craft which still continues to sway to and fro, on its balkony she sees three persons, apparently in a sitting position behind a parapet, since only a small portion, the upper part of their bodies is visible to the lady. One draws the conclusion that the occupants of the graft are of dwarfed size, considering the proportional large heads but very small and delicate armes. Each one of the three is handling sort of a flashlight, directing its beam to the ground so as if looking for something lost. But this only for some moments since in the following the beams are focused on the lady which immediately feels immobilized, feels pains in her body and gets dazzled by the light, so that she calls out for help to her neighbour.

The craft leaves the site after some moments and when a neighbourwoman comes to the lady's help, she discovers on the latter bloodshot eyes and a somewhat swollen face.

Feeling pain in her joints, specially the knee, the lady goes on with her work, also with some difficulty, but hours later has to interrupt it once more and return her call to her neighbour for help, since all of a sudden she had suffered, what the medical doctors afterwards diagnose as an advanced "prolapse of the uterus".

Now, this disease is generally of a gradual and slow start. It is not so uncommon in elderly people, prone to have suffered a weakening of their tissues. But, in the aforementioned case, the unset of all the syndrome had been an unexpected, sudden, and all-in-all, a most astonishing and quick one, since a gynecological survay, performed on the lady 6 months earlier, hadn't disclosed any abnormal condition.

If the sudden, unexpected prolapse had something to do with the excessive "softening" of the lady's connective tissue by the influence of the Flying Saucer's irradiation of energies, we certainly don't know for sure yet, but there has been another physiological, post-ufological finding on the lady, which would lead us to conclude exactly into that direction. It happened that the lady had to undergo preoperative tests previously to the surgical correction of her prolapse. The cardiovascular survey was done by a medical doctor who had known the lady for many years, since she had been treated by him along all the years for a dangerous state of hypertension, with arterial peak pressures occasionally reaching 300 mm mercury, with some episódes of acute pulmonary edema and continuous strenuous anti-hypertensive medicines. To his great surprise, apparently, did the professional find a much improved cardiovascular condition on the lady, examined by him some couple of weeks after the ufological episode, since he confided to his patient: "what have you be doing for your hypertension, since it's much improved. "In fact, after her operation for the prolapse, the lady has dropped all the previous anti-hypertensive medicines and this now for several years, without recurrence of any inconvenient symptoms.

Naturally, the above SBEDV ufologist, himself a M.D. by profession had been most interested in the pre and post ufological episode medical record and this in relationship of the findings of a possible enlargement of the heart, respectively its postufological regression and also possible modification of findings in regard to the eletrocardiograms. Even so, when we had the opportunity to cheque once the arterial blood pressure we still met a level high above the normal one. Unfortunately, our efforts to arrange a meeting with the cardiologist were insuccessfull. Apparently at some of the professional levels there excists still emotional ressentment, so to cope with truth and possibly the political ridicule.

We still have to mention two further physiological post-ufological side effects upon the lady: her eyesight worsened after the event, so that she had to consult a specialist who has prescribed her the use of glasses, even so she hadn't made use of those until the ufological event.

Also the lady's hearing worsened immediately after the episode, specially that of the right ear, which apparently had been exposed more intensively to the F:S., since the latter stayed roughly to her right side.

In the report nr. 2, the kidnapping of a young man by one legged (unipeds) extraterrestrials (robots?), apparently a secondary witness at the site had seen the rise of the F.S. into the air. The shaken victim was brought back half an hour later and put to Earth in the vicinity of the site of the sequester. Since the case has been looked over by research personal Irene Granchi herself and published in a very good concise manner by APRO's Oct. 77 Bulletin, we find it unessential to publish it here in the english language, once more.

CIPEX
Caixa Postal: 24.555
Curitiba - Paraná
Brasil - Cep. 81.570-971